

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DESPORTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS

HILDOMAR JOSÉ DE LIMA

CATEGORIAS LEXICAIS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS:
NOMES E VERBOS

GOIÂNIA

2012

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

| | | | | | |
|---|--------|--|----|--------------|--|
| Autor (a): | | HILDOMAR JOSÉ DE LIMA | | | |
| E-mail: | | hildomarlima@hotmail.com | | | |
| Seu e-mail pode ser disponibilizado na página? <input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não | | | | | |
| Vínculo empregatício do autor | | Universidade Federal de Goiás | | | |
| Agência de fomento: | | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior | | Sigla: CAPES | |
| País: | Brasil | UF: | GO | CNPJ: | |
| Título: CATEGORIAS LEXICAIS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: NOMES E VERBOS | | | | | |
| Palavras-chave: Modalidade Linguística. LSB. Nome. Verbo. Propriedades Semânticas. | | | | | |
| Título em outra língua: | | LEXICAL CATEGORIES IN BRAZILIAN SIGN LANGUAGE: NOUNS AND VERBS | | | |
| Palavras-chave em outra língua: | | Linguistic Modality. LSB. Noun. Verb. Semantic Properties. | | | |
| Área de concentração: | | Estudos Linguísticos | | | |
| Data defesa: | | 09/11/2012 | | | |
| Programa de Pós-Graduação: | | Letras e Linguística | | | |
| Orientador (a): | | CHRISTIANE CUNHA DE OLIVEIRA | | | |
| E-mail: | | christianecunhadeoliveira@outlook.com | | | |
| Co-orientador (a):* | | | | | |
| E-mail: | | | | | |

*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.



Assinatura do (a) autor (a)

Data: 03/10/2014

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

HILDOMAR JOSÉ DE LIMA

CATEGORIAS LEXICAIS NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA:
NOMES E VERBOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras e Linguística.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

Linha de pesquisa: L.P. 4 - Descrição e análise de línguas indígenas e demais línguas naturais

Orientadora: Profa. Dra. Christiane Cunha de Oliveira

Bolsa: CAPES

GOIÂNIA

2012

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)
GPT/BC/UFG**

L732c Lima, Hildomar José de.
Categorias lexicais na língua brasileira de sinais
[manuscrito]: nomes e verbos / Hildomar José de Lima. -
2012.
137 f.: il., figs.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Christiane Cunha de Oliveira.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Letras, 2012.

Bibliografia.

Inclui lista de figuras, abreviaturas, siglas e tabelas.

Apêndices.

1.Educação especial - língua brasileira de sinais 2.Libras
I. Título.

81'221.24:37

HILDOMAR JOSÉ DE LIMA

CATEGORIAS LEXICAIS NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA:
NOMES E VERBOS

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Mestre, defendida e aprovada em 09 de novembro de 2012 pela banca examinadora constituída pelas professoras: Dra. Christiane Cunha de Oliveira – UFG (Orientadora e Presidente); Dra. Mônica Veloso Borges – UFG; Dra. Sandra Patrícia de Faria do Nascimento – UnB; Dra. Vânia Cristina Casseb Galvão – UFG (Suplente).

“(...) cada língua traduz o mundo e a realidade social segundo o seu próprio modelo, refletindo uma cosmovisão que lhe é própria, expressas nas suas categorias gramaticais e léxicas”

(BIDERMAN, 2001, p. 109).

AGRADECIMENTOS

Ao Amor – energia que move todas as pessoas do bem, que nos impulsiona, que nos fortalece e nos faz vencer.

À minha família – meus pais *Celso e Hilda*, meus irmãos *Iris e Uilias*, minha sobrinha e afilhada *Thayra* – pelo apoio, paciência e reconhecimento da importância deste trabalho na minha vida.

À minha orientadora Profa. Dra. Christiane Cunha de Oliveira pelos ensinamentos.

Às professoras Dras. Mônica Veloso Borges e Vânia Cristina Casseb Galvão pela leitura criteriosa do trabalho e pelas tantas sugestões no Exame de Qualificação.

Às professoras Dras. Mônica Veloso Borges e Sandra Patrícia de Faria do Nascimento que, gentilmente, aceitaram participar da banca de defesa deste trabalho.

A todos os amigos que vibraram e celebraram comigo esta conquista. Não mencionarei nomes aqui para não correr o risco de esquecer o de alguém.

A toda equipe do Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez – Goiás pelo carinho e apoio de sempre.

À CAPES pela concessão da bolsa de estudos.

À SEDUC/GO pela licença concedida.

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar algumas propriedades ‘mórficas’ e sintático-semânticas que nos permitam definir as categorias lexicais Nome e Verbo na Língua de Sinais Brasileira (LSB). Fundamenta-se em uma abordagem contemporânea de análise linguística denominada Cognitivo-funcional (Croft e Cruse, 2004; Fauconnier e Turner, 1998, 2008; Givón, 2001; Langacker, 1987, 1990, 1991, 2008 e Taylor, 2002). Nessa perspectiva, uma análise linguística implica que se considere o código como dinâmico e passível de mudanças advindas da relação entre comunidade falante e o universo, jamais como uma entidade imutável. Dessa forma, esta pesquisa parte do pressuposto de que na LSB os processos de natureza cognitiva e de natureza pragmático-discursiva motivam a distribuição do código linguístico em estudo em termos de categorias. Este trabalho envolveu pesquisa de campo, com dados coletados especialmente para esta investigação, através de narrativas de surdos adultos usuários de LSB. A análise dos dados se dá em dois momentos distintos. Primeiramente, explicitamos observações de análise sobre aqueles sinais em LSB que se correlacionam com Nome e os que se correlacionam com Verbo no Português do Brasil (PB), ou seja, trabalhamos com noções nominais e noções verbais com base nas características semânticas prototípicas propostas por Givón (2001). Nesta etapa foi possível traçar as características semânticas prototípicas daqueles sinais que se correlacionam com Verbos e Nomes no PB. Em seguida, analisamos critérios gramaticais internos à língua em estudo a partir de construções maiores. Nesta análise verificou-se que um primeiro critério para a identificação de um contraste entre noções verbais e nominais, na LSB, foi o traço semântico de dinamicidade, que separa eventos/ações, dinâmicos, de entidades/estados, mais estáveis no tempo.

Palavras-chave: modalidade linguística, LSB, Nome, Verbo, propriedades semânticas.

ABSTRACT

The objective of this paper is to analyze some ‘morphic’ and semantic-syntactic properties that allow us to define Noun and Verb in Brazilian Sign Language (BSL). It is based on a contemporary approach of linguistic analysis named functional-cognitive (Croft e Cruse, 2004; Fauconnier e Turner, 1998, 2008; Givón, 2001; Langacker, 1987, 1990, 1991, 2008 e Taylor, 2002). In this perspective, a linguistic analysis asserts that the code should be regarded as dynamic and likely to suffer changes that come from the speaking community and the universe, never as an immutable entity. In this way, this research bases itself on the fact that in BSL, the processes of cognitive nature and discursive-pragmatic nature motivate the distribution of such linguistic code in terms of categories. The data analysis is done in two distinct moments. First, we showed analysis observations concerning those signs in BSL that are related to Nouns and Verbs in Brazilian Portuguese (BP), that is, we worked with nominal notions and verbal notions based on the prototypical semantic characteristics proposed by Givón (2001). At this stage, it was possible to link the prototypical semantic characteristics that are correlated to Verbs and Nouns in BP. Afterwards, we analyzed the grammatical criteria that are typical of the language being studied based on bigger constructions. In such analyses, we verified that a first criterion to identifying a contrast between verbal and nominal notions, in BSL, was semantic feature dynamicity, which separates dynamic events/activities from entities/states more stable in time.

Keywords: linguistic modality, Brazilian Sign Language, Noun, Verb, semantic properties.

LISTA DE ESQUEMA, FIGURAS E QUADROS

ESQUEMA

| | |
|---|----|
| Esquema 1: Principais características semânticas dos Nomes..... | 28 |
|---|----|

FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1: Esquema de Nome por meio de contiguidade e semelhança (Langacker, 2008)... | 26 |
| Figura 2: Esquema de Nome por meio de configurações familiares (Langacker, 2008)..... | 26 |
| Figura 3: Representação do evento em relação ao tempo..... | 31 |
| Figura 4: Representação de <i>tempo concebido</i> (t) e <i>tempo processado</i> (T)..... | 32 |
| Figura 5: Representação do eixo temporal – digitalização sequencial..... | 34 |

QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 1: Arquétipos para Nome e Verbo (com base em Langacker, 2008)..... | 25 |
| Quadro 2: Apresentação dos participantes da pesquisa..... | 38 |
| Quadro 3: Classificação da perda auditiva de acordo com o grau..... | 39 |
| Quadro 4: Quadro para sistematização dos dados..... | 43 |
| Quadro 5: Registro das marcações não manuais e de algumas observações relevantes..... | 43 |
| Quadro 6: Configurações de mãos propostas por Felipe e Monteiro (2006)..... | 51 |
| Quadro 7: Principais Pontos de Articulação..... | 54 |
| Quadro 8: Sumário das Orientações da Palma da Mão na produção de sinais na LSB..... | 57 |

SUMÁRIO

| | |
|---|------|
| RESUMO..... | vi |
| ABSTRACT..... | vii |
| LISTA DE ESQUEMAS, FIGURAS E QUADROS..... | viii |
| INTRODUÇÃO..... | 12 |

CAPÍTULO I

BASE TEÓRICA

| | | |
|-------|---|----|
| 1 | Introdução..... | 16 |
| 1.1 | Bases cognitivas da linguagem humana..... | 16 |
| 1.2 | Gramática Cognitiva..... | 18 |
| 1.2.1 | Estrutura semântica na Gramática Cognitiva..... | 21 |
| 1.3 | Nomes e Verbos..... | 22 |
| 1.3.1 | O esquema para Nome em Langacker..... | 25 |
| 1.3.2 | O Nome na perspectiva da Linguística Funcional de Givón..... | 27 |
| 1.3.3 | O esquema para Verbo em Langacker..... | 30 |
| 1.3.4 | O Verbo na perspectiva da Linguística Funcional de Givón..... | 34 |
| 1.4 | Considerações..... | 36 |

CAPÍTULO II

METODOLOGIA

| | | |
|-----|--|----|
| 2 | Introdução..... | 37 |
| 2.1 | Os participantes da pesquisa..... | 37 |
| 2.2 | Organização da base de dados..... | 40 |
| 2.3 | Sistema de transcrição dos dados..... | 41 |
| 2.4 | Procedimento para transcrição dos dados..... | 42 |
| 2.5 | Considerações..... | 44 |

CAPÍTULO III

APRESENTAÇÃO DE ALGUNS ASPECTOS DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA

| | | |
|---|-----------------|----|
| 3 | Introdução..... | 45 |
|---|-----------------|----|

| | | |
|-------|--|----|
| 3.1 | Palavra e sinal..... | 45 |
| 3.2 | Modalidades linguísticas..... | 46 |
| 3.3 | Formação dos sinais na LSB..... | 47 |
| 3.3.1 | Conjunto de traços fonológicos na LSB..... | 49 |
| 3.3.2 | Traços fonológicos que distinguem sinais na LSB..... | 58 |
| 3.4 | O conceito de <i>morfema</i> na LSB..... | 61 |
| 3.5 | Considerações..... | 67 |

CAPÍTULO IV

NOMES E VERBOS NAS LÍNGUAS DE SINAIS

| | | |
|-----|----------------------------------|----|
| 4 | Introdução..... | 68 |
| 4.1 | Nome nas línguas de sinais..... | 68 |
| 4.2 | Verbo nas línguas de sinais..... | 70 |
| 4.3 | Considerações..... | 75 |

CAPÍTULO V

NOÇÕES NOMINAIS E NOÇÕES VERBAIS NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA

| | | |
|-------|---|----|
| 5 | Introdução..... | 77 |
| 5.1 | Noções nominais na LSB a partir de características semânticas prototípicas..... | 78 |
| 5.1.1 | Propriedades icônicas..... | 81 |
| 5.1.2 | Empréstimo por transliteração da letra inicial (Faria-Nascimento, 2009)..... | 88 |
| 5.1.3 | Sinais datilológicos..... | 92 |
| 5.2 | Noções nominais na LSB a partir de características semânticas prototípicas..... | 94 |
| 5.2.1 | Propriedades icônicas..... | 96 |
| 5.2.2 | Empréstimo por transliteração da letra inicial..... | 98 |
| 5.3 | Considerações..... | 99 |

CAPÍTULO VI

CRITÉRIOS GRAMATICAIS PARA CATEGORIZAR NOME E VERBO NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA

| | | |
|---|-----------------|-----|
| 6 | Introdução..... | 101 |
|---|-----------------|-----|

| | | |
|---------------------------|--|-----|
| 6.1 | Construções do tipo A..... | 102 |
| 6.1.1 | Tipos de noções expressas por predicados nominais..... | 106 |
| 6.2 | Construções do tipo B..... | 110 |
| 6.2.1 | Construções com predicados locativos e construções existenciais..... | 113 |
| 6.3 | Construções do tipo C..... | 118 |
| 6.4 | Considerações..... | 123 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | | 125 |
| REFERÊNCIAS..... | | 127 |
| APÊNDICE..... | | 135 |

INTRODUÇÃO

A categorização das palavras em termos de classes lexicais, numa dada língua, se dá com base em critérios fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos. As propriedades que definem as diferentes categorias são diversas e variam de uma língua para outra que, conforme a semelhança nos traços que compartilham entre si, combinam os lexemas em grupos específicos, como é o caso das categorias Nome e Verbo.

De acordo com Sautchuk (2010), um dos problemas observados quanto à definição de algumas categorias do Português do Brasil (PB), por exemplo, consiste na definição exclusivamente de caráter semântico. Apesar de fundamental, o critério semântico pode não ser suficiente, já que, em uma mesma língua, noções equivalentes podem ser expressas por mais de uma das classes estabelecidas. Problemas também podem ocorrer em relação aos critérios morfológico e sintático, no caso do PB.

Na Língua de Sinais Brasileira (LSB), em alguns estudos, como os de Ferreira-Brito (1995), Quadros (1999b), Faria-Nascimento (2001), Quadros e Karnopp (2004), Salles et al. (2004), Mesquita (2008), dentre outros, nota-se uma pressuposição subjacente às análises, de que as mesmas categorias lexicais encontradas nas línguas orais ocorrerão também nas línguas de sinais. Ademais observa-se também uma tendência a caracterizar as categorias lexicais com base em critérios fundamentalmente semânticos também na LSB.

Acreditamos que nesta língua, como em qualquer outra língua de sinais, em oposição a uma língua oral (LO), a modalidade linguística visuoespacial seleciona critérios que são característicos a essas línguas para definir o estatuto categorial de cada sinal como pertencente àquelas classes lexicais existentes.

Constitui, portanto, objetivo principal desta pesquisa, observar alguns aspectos comunicativos e cognitivos que nos permitam identificar as categorias lexicais Nome e Verbo na LSB. Parte-se do pressuposto de que os processos de natureza cognitiva e de natureza pragmático-discursiva motivam a distribuição do código linguístico em estudo em termos de categorias.

A análise segue o quadro teórico da Linguística Cognitiva e da Linguística Funcional, junção esta que resulta numa abordagem contemporânea de análise linguística denominada Linguística Cognitivo-Funcional. Nesta perspectiva, Nome recorta (*perfil*)

entidades/coisas distintas (humano/não humano, animado/inanimado, espacial/não espacial, temporal/abstrato). Verbo, por sua vez, recorta interação/processo entre entidades/coisas.

Um dos fatores que motivaram esta pesquisa é a escassez de estudos descritivos sobre a LSB, os quais explorem os traços sintático-pragmáticos dos sinais a fim de apontar critérios internos para a identificação de categorias lexicais, tais como Nome e Verbo. Tradicionalmente, o que se observa nos estudos sobre as características mórficas estruturais da Língua parte do pressuposto de que há tais categorias e que tais serão como as da Língua Portuguesa, por exemplo.

Durante o caminho trilhado, alguns passos foram fundamentais para que chegássemos a algum ponto. Entre eles, o de (i) questionar a atitude de pressuposição acerca de elementos estruturais e categoriais das línguas de sinais com base nas línguas orais e (ii) identificar critérios internos à LSB para justificar uma delimitação das categorias lexicais Nome e Verbo. Para tanto, procuramos adotar uma abordagem que nos permitisse desprender da visão de que os construtos que se aplicam às LOs precisamente orientam as pesquisas sobre LSs. Nesse sentido, ver os dados “do todo para as partes”, ou seja, do enunciado como um todo até alcançarmos suas partes constituintes, mostra-se como uma de nossas tarefas imprescindíveis. Afinal, quais partes são essas? Quais os critérios que nos levam até elas?

Este trabalho envolveu pesquisa de campo, com dados coletados especialmente para esta investigação, através de narrativas livres de surdos adultos que têm a LSB como primeira língua.

As descrições dos sinais que se utilizam neste trabalho foram feitas com base no dialeto da LSB encontrado em Goiás. Representamos os sinais através de imagens paradas, utilizando dois recortes sequenciais para a maioria dos sinais, exceto para aqueles ilustrados no capítulo VI. Os recortes constituem tentativas de representação do sinal durante o processo de produção. Tratam-se de tentativas, uma vez que a tarefa de delimitar quando um sinal inicia e quando ele termina não é uma tarefa simples.

O primeiro recorte (da esquerda para a direita, na perspectiva do leitor) representa o processo inicial de produção do sinal, enquanto que o segundo retrata o final. As setas indicam a direção do movimento daqueles sinais que o possuem. Representa-se os sinais da LSB por meio de itens lexicais do PB, grafados em maiúsculo e em posição acima das imagens, exceto para aqueles ilustrados no capítulo VI.

Os trechos em inglês foram traduzidos pelo pesquisador a fim de facilitar a leitura do trabalho e o texto original encontra-se em notas de rodapé.

Esta dissertação está organizada em seis capítulos. O capítulo I traz o referencial teórico que norteou esta pesquisa em cada passo e que possibilitou as considerações a que chegamos. O quadro teórico conta principalmente com autores que analisam fenômenos linguísticos a partir da Linguística Cognitiva, corrente teórica que se guia pela ideia de que a linguagem humana é de natureza essencialmente simbólica. Entre estes autores estão Croft e Cruse (2004), Fauconnier e Turner (1998, 2008), Langacker (1987, 1990, 1991, 2008), Taylor (2002), entre outros.

Os procedimentos metodológicos são apresentados no capítulo II. Neste capítulo, apresenta-se os participantes/colaboradores da pesquisa, relata-se os procedimentos para a coleta dos dados, explica-se o sistema de transcrição e as etapas do processo para transcrição dos dados.

No capítulo III, encontram-se alguns aspectos da LSB que são imprescindíveis para uma melhor compreensão de nossa proposta de trabalho. Iniciamos por explicitar a adoção do termo *senal* em vez de *palavra*, a qual se deve às especificidades e à natureza da língua em estudo a partir de considerações de Perini (2004) e Croft e Cruse (2004). Em seguida, dedica-se a esclarecer que a modalidade linguística visuoespacial apresenta singularidades que caracterizam as línguas de sinais, conforme visto em Meier (2002). Por fim, faz-se um percurso do nível fonológico até o sintático em que se observa desde o processo de formação de um sinal, conforme as análises de Ferreira-Brito (1995), Quadros e Karnopp (2004), Zeshan (2000); perpassa o plano morfológico com questionamentos acerca do valor morfêmico dos conjuntos de parâmetros, conforme argumenta Felipe (2006), em contraposição ao conceito teórico de morfema aplicado às línguas orais, visto em Biderman (2001).

No capítulo IV, apresentamos os princípios básicos que presumem a existência das categorias Nome e Verbo em língua de sinais a partir de estudos descritivos da Língua de Sinais Americana propostos por Padden (1986, 1988, 1990) e também da Língua de Sinais Brasileira encontrado em Quadros e Karnopp (2004), especialmente. Ao mesmo tempo, questiona-se sobre o emprego de construtos teóricos utilizados nas línguas orais para explicar fenômenos linguísticos que talvez sejam inerentes às línguas de sinais.

No capítulo V, explicitamos observações de análise sobre aqueles sinais em LSB que se correlacionam com Nome e os que se correlacionam com Verbo, no Português do Brasil (PB). Neste, trabalhamos com noções nominais e noções verbais, com base nas características semânticas prototípicas propostas por Givón (2001).

No capítulo VI, explicitamos observações de análise de critérios internos à LSB que nos permitam identificar as categorias Nome e Verbo nesta língua. Partimos das construções sintáticas maiores a fim de alcançar suas partes constitutivas. O motivo para adotarmos tal procedimento é o fato de as línguas sinalizadas se caracterizarem por um forte componente pragmático.

Nas Considerações Finais apresentaremos os resultados das análises de características internas à LSB para identificar as categorias Nome e Verbo.

CAPÍTULO I

BASE TEÓRICA

1 Introdução

Neste capítulo, discute-se questões teóricas que nortearam as análises dos dados. Compõem o quadro teórico autores que analisam fenômenos linguísticos a partir da Linguística Cognitiva e da Linguística Funcional, junção esta que resulta numa abordagem contemporânea de análise linguística denominada Linguística Cognitivo-Funcional. Entre eles estão: Croft e Cruse (2004), Fauconnier e Turner (1998, 2008), Givón (2001), Langacker (1987, 1990, 1991, 2008), Taylor (2002).

1.1 Bases cognitivas da linguagem humana

A mente humana esconde grandes mistérios que a ciência cognitiva ainda não conseguiu revelar. O funcionamento da mente constitui-se como objeto de estudo da ciência cognitiva em diversas áreas como Antropologia, Biologia, Filosofia, Inteligência Artificial, Neurociência, Psicologia Cognitiva, e outras. A cognição ganha destaque nos estudos linguísticos principalmente pelo fato de as pesquisas recentes nesta área (CROFT; CRUSE, 2004; FAUCONNIER; TURNER, 1998, 2008; LANGACKER, 1987, 1990, 1991; SILVA, 2004; e outros) terem revelado que a linguagem tem bases cognitivas bastante óbvias. Isto é, para a Linguística, numa perspectiva cognitiva, o cérebro humano evoluiu para processar a linguagem da mesma forma que progrediu para o desenvolvimento de outras habilidades cognitivas.

As necessidades humanas são o grande vetor para o desenvolvimento de habilidades cognitivas (caminhar, ouvir, chorar, mastigar, sinalizar etc.) necessárias à adaptação e ao convívio no meio ao qual os seres humanos pertencem. A língua, uma habilidade inerentemente humana, é algo que as pessoas de um grupo precisam saber devido à necessidade de interação; o seu conhecimento se dá na relação entre os pares linguísticos, o que geralmente inicia na infância; esse conhecimento residirá na mente do usuário e precisa ser invocado em algum ato de uso da língua (TAYLOR, 2002).

De acordo com Pereira Junior (2007), duas grandes escolas se destacaram no cenário em que se discute a base neurobiológica para a linguagem humana, a saber: a escola nativista e a escola construtivista. A escola nativista – Chomsky se destaca entre os pensadores dessa vertente – baseia-se em estudos de Linguística e de Psicologia do Desenvolvimento e defende a existência de mecanismos inatos específicos para a linguagem humana. Isto é, a língua é um módulo que já está disponível e basta apenas uma pequena exposição para definir seus parâmetros. Cremos ser importante ressaltar que nessa perspectiva não se nega as bases cognitivas para a linguagem humana, porém

[...] não está claro o que, na evolução do cérebro humano, poderia ter sido o precursor do módulo da linguagem. Também não está claro que as pressões da seleção natural teriam produzido tal módulo, uma vez que não encontramos estágios intermediários. É por isso que muitos nativistas tem abraçado a visão de que talvez um único evento súbito e dramático na história da evolução humana produza em um salto um módulo de linguagem semelhante a nada como os recursos do cérebro¹ (FAUCONNIER; TURNER, 2008, p. 6).

Por outro lado, a escola construtivista nega a existência de genes ou módulos exclusivos para a linguagem humana e a sustenta a partir de um processo de aprendizagem facilitado pela co-evolução da espécie humana e da prática linguística.

Enquanto que para a escola nativista, os mecanismos inatos para a linguagem envolveriam um grupo de genes exclusivo para a espécie humana em módulo cerebral especializado, para a escola construtivista a competência linguística se derivaria de princípios gerais de plasticidade neuronal e de propriedades cognitivas do córtex prefrontal dos primatas (PEREIRA JUNIOR, 2007, p. 1).

Diante das diferentes propostas de explicação para o surgimento da linguagem e como ela se manifesta na espécie humana, este trabalho guia-se pelos pressupostos da proposta evolutiva, na qual a linguagem é vista em um processo contínuo e coerente de mudanças, ou seja, a linguagem não surge a partir do nada.

Cabe ressaltar ainda que quando se propõe analisar fenômenos linguísticos a partir da perspectiva evolutiva não significa considerar alguns indivíduos mais evoluídos que outros, senão considerar os seres humanos como criaturas cognitivamente modernas. Nesse

¹ No original: [...] it is not clear what, in the evolution of the human brain, could have been the precursor of the language module. Nor is it clear what pressures from natural selection would have produced such a module, given that we find no intermediate stages. This is why many nativists have embraced the view that a sudden, dramatic, perhaps unique event in human evolutionary history produced in one leap a language module resembling nothing like the brain's previous resources.

sentido, cabe olhar para o código linguístico não como uma entidade imutável, pois ele é, ao contrário, dinâmico e passível de mudanças advindas da relação entre comunidade falante e o universo.

1.2 Gramática Cognitiva

A Gramática Cognitiva (GC) é uma teoria linguística guiada pela ideia de que a linguagem é de natureza inerente e essencialmente simbólica. Essa teoria está atenta, em especial, a como uma expressão maior pode ser analisada em partes menores, isto é, a sintaxe é resultado das relações simbólicas entre estruturas fonológicas e estruturas semânticas. Isso, no entanto, significa que padrões para combinação de palavras, bem como padrões para formação de palavras são considerados como unidades simbólicas.

Segundo Taylor (2002), na GC, ‘unidade’ é um termo técnico e refere-se à estrutura que foi arraigada ou o termo torna-se automático pela frequência de uso bem sucedida. O status de unidade é uma questão de grau e depende crucialmente da experiência linguística prévia das pessoas. Também para esse autor, o termo ‘simbólico’ refere-se à relação entre uma estrutura fonológica e uma estrutura semântica. “Linguagem é simbólica na medida em que é essencialmente um meio para relações de estruturas fonológica e semântica²” (TAYLOR, 2002, p. 23). Nessa perspectiva, uma língua pode ser descrita com base em apenas três tipos básicos de entidades: estrutura fonológica, estrutura semântica e relações simbólicas.

Sendo assim, muitas das complexidades da linguagem humana podem ser tratadas em termos de relações possíveis entre unidades, quer sejam estas de natureza fonológica, morfológica ou simbólica. Em geral, entre estas unidades há três tipos possíveis de relações: (i) a relação vertical de esquema e exemplo, (ii) a relação horizontal entre as partes e o todo e (iii) a relação de similaridade.

Na relação vertical, as unidades especificadas são mantidas em diferentes graus de detalhes, isto é, uma unidade que é especificada em maior detalhe pode ser considerada como um exemplo de outra unidade, a qual é especificada em menor detalhe e esta, por sua vez, pode tornar-se esquemática para a primeira. Para Taylor (2002), essa relação pode ser igualmente aplicada a unidades fonológicas, semânticas e simbólicas.

² No original: Language is symbolic to the extent that language is essentially a means for relating semantic and phonological structures.

Nas unidades fonológicas, os alofones, por exemplo, são exemplares de um fonema, um fonema é esquemático para seus alofones. A estrutura fonológica [dog] é um exemplar da unidade fonológica [SÍLABA], que por sua vez é esquemático para [dog]. Em relação às unidades semânticas, temos [POODLE], que é um exemplar da unidade semântica mais esquematicamente caracterizada [CACHORRO]. Da mesma forma, a unidade semântica [HOMEM] é esquemática para [HOMEM DO PONTO DE ÔNIBUS], enquanto que este é um exemplar de uma unidade mais esquematicamente caracterizada [HOMEM].

No caso das unidades simbólicas, a expressão linguística [ÁRVORE] (entendida como uma relação entre uma estrutura fonológica e uma estrutura semântica) é um exemplar da unidade simbólica mais abstrata [NOME], que por sua vez é um exemplar da unidade ainda mais esquemática [PALAVRA]. Observe, por exemplo, a expressão *O fazendeiro mata o patinho* (entendida como simbolicamente relacionada a uma estrutura fonológica e semântica) é um exemplo da unidade simbólica mais abstratamente caracterizada [ORAÇÃO TRANSITIVA] (TAYLOR, 2002). Nesse sentido, ao reconhecer a relação vertical entre esquema e exemplos, é possível incorporar várias outras entidades abstratas em uma descrição da GC, incluindo coisas como categorias lexicais e construções sintáticas.

Enquanto que a relação vertical se aplica a entidades esquemáticas abstratas, a relação horizontal se aplica a qualquer estrutura que exibe complexidade interna. Por exemplo, a estrutura fonológica [dog] é considerada como um exemplar da unidade fonológica mais esquemática [SÍLABA]. Portanto, [dɔg] tem uma estrutura interna, a qual consiste de três sub-unidades, cada qual sendo uma parte da unidade mais complexa.

Segundo Taylor (2002), parte dessa relação se aplica igualmente a estruturas fonológicas, semânticas e simbólicas. No entanto, em uma expressão internamente complexa observa-se que parte das relações realizam em paralelo entre unidades fonológicas, semânticas e simbólicas. Por exemplo, o

[...] o tempo passado da forma verbal *caminhou* exemplifica a combinação no nível semântico, na medida em que combina os componentes conceituais [caminhar] e [tempo passado]. Fonologicamente, a forma complexa [w0;k] contém como partes [w0;k] e [t], enquanto que a unidade simbólica complexa é composta de duas unidades simbólicas componentes³ (TAYLOR, 2002, p. 24).

³ No original: [...] past-tense verb form *walked* exemplifies combination at the semantic level, in that it combines the component concepts [walk] and [past tense]. Phonologically, the complex form [w0;k] contains as parts [w0;k] and [t], while the complex symbolic unit is composed of two component symbolic units.

No caso da relação de similaridade, entretanto, as unidades que são especificadas em diferentes formas e, até mesmo aparentemente conflitantes, podem tornar-se associadas. Conforme analogia de Taylor (2002), uma árvore geneológica e um carvalho (árvore de grande porte) são diferentes tipos de entidades. Porém, algumas similaridades podem ser percebidas e, como consequência, a palavra árvore pode ser aplicada não somente a espécies do tipo botânico (o valor semântico padrão da palavra), mas também a redes geneológicas. Relações de similaridades são, portanto, o principal meio pelo qual as unidades linguísticas (fonológicas, semânticas ou simbólicas) podem ser entendidas.

Segundo Taylor (2002), a relação de similaridade torna possível lidar com fenômenos linguísticos que se encontram fora do que é estritamente sancionado pelo sistema linguístico. Por exemplo, uma alteração na Configuração de Mão (CM) na produção de um sinal poderia ser considerada um exemplo válido para estrutura fonológica da LSB. Repare o sinal ‘nome’ em (1) produzido por sinalizantes diferentes.

(1)⁴

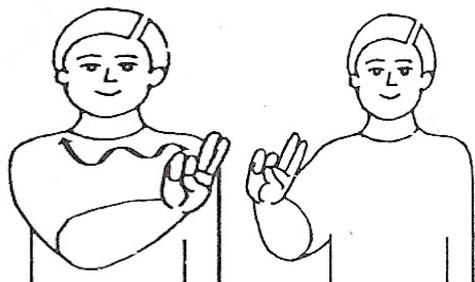
a. NOME



b. NOME



c. NOME



Observe-se que para a produção deste sinal há uma variação na seleção da CM. A CM utilizada no sinal ‘nome’, ilustrado em (1a)⁵ difere da CM empregada no mesmo sinal

⁴ As imagens do exemplo (1c), bem como as imagens dos exemplos (9), (11), (21), (22), (23), (36), (37), (40), (41), (43), (44), (50), (51), (52), (56), (59), (60), (61) e (62) foram retiradas de Capovilla e Raphael (2006) para fins ilustrativos.

⁵ Entre os demais sinalizantes da pesquisa, a CM observada na produção do sinal referente a NOME coincide com a forma utilizada em B.

exemplificado em (1b) e este, por sua vez, coincide com a forma dicionarizada, conforme verifica-se em (1c). No entanto, o interessante a notar é que um usuário da LSB tem habilidade para reconhecer o sinal e, provavelmente, não reconhecer em (1a) um desvio com relação a forma em (1b) e (1c).

Taylor (2002) diz haver algo em comum entre a noção de unidade simbólica na GC e a noção de signo linguístico em Saussure. Na concepção de Saussure (1916[2000]), o signo linguístico une um conceito e uma imagem acústica e não meramente uma entidade e uma palavra. Tal imagem é sensorial e, portanto, não se reduz ao aspecto motor de produção da fala (som material/puramente físico). Esse autor ressalta que o caráter psíquico de nossas imagens acústicas aparece claramente quando observamos nossa própria linguagem. Por exemplo, é possível pensarmos em palavras, construções e esta atividade mental (pensar) não implicar numa ação vocal em si; portanto, a organização das estruturas ocorre em níveis linguísticos distintos. Porém, na perspectiva da GC a noção de signo linguístico pode representar um problema quando visto no nível de itens lexicais individuais, pois

[...] embora não seja apenas uma coleção de palavras; para saber uma língua você precisa também saber como combinar palavras para formar frases e sentenças; você precisa saber também como criar palavras de elementos mais primitivos. Uma língua não é apenas uma lista de signos linguísticos, ela também tem uma morfologia e uma sintaxe⁶ (TAYLOR, 2002, p. 25).

1.2.1 Estrutura semântica na Gramática Cognitiva

Os estudos da semântica estrutural à luz da Gramática Cognitiva (GC) é crescente e grandes contribuições têm oferecido, especialmente, para a semântica lexical. Nessa perspectiva, os significados das palavras são observados como fortes influentes do uso de uma palavra no contexto sintático.

De acordo com Taylor (2002), considerações semânticas também foram importantes no estudo de categorias lexicais como nomes e verbos. Enquanto essas categorias são definidas geralmente em termos puramente distribucionais, a GC procurou identificar conteúdo semântico às categorias. Isto é, em vez de as categorias serem definidas em termos de distribuição, é possível argumentar que é o significado esquemático das categorias que motiva suas propriedades distribucionais.

⁶ No original: [...] though, is not just a collection of words; to know a language you also need to know how to combine words to form phrases and sentences; you also need to know how to create words from more primitive elements. A language is not just a list of word-sized linguistic signs, it also has a morphology and syntax.

É importante enfatizar que o objetivo desses estudos da GC não tem sido reduzir fenômenos sintáticos a semânticos, no sentido de que os aspectos formais de uma expressão podem ser totalmente previstos a partir de aspectos determinados pela sua semântica. Dessa forma, segundo Taylor (2002), reconhece-se que a organização sintática estaria sujeita à convencionalização de uma língua específica. Sendo assim, fatos sintáticos (e morfológicos) de uma língua seriam motivados por aspectos semânticos, os quais podem ser exaustivamente descritos por meio de estruturas simbólicas.

1.3 Nomes e Verbos

Ao nos referirmos a classes ou categorias de palavras, estamos nos referindo à distribuição de palavras em grupos que compartilham características comuns dentro de um dado código linguístico. Para Langacker (2008), sem categorização não poderíamos discernir padrões ou regularidades, uma vez que essas envolvem a recorrência de configurações julgadas serem as mesmas. Categorias podem ser estabelecidas por algumas facetas da estrutura da linguagem (fonologia, morfologia etc.).

Durante muito tempo – e acreditamos ser, ainda hoje, bastante recorrente, principalmente no ensino de línguas – a distinção de categorias segue um viés tradicional em que se supervaloriza os critérios semânticos em detrimento a outros, isto é, baseia-se apenas nos tipos de entidades designadas, a saber: coisas, lugares e pessoas (Nome) e ações (Verbo).

Verifica-se em Langacker (2008) que este autor não descarta os critérios semânticos na tarefa de agrupar o código linguístico em categorias, porém considerar apenas tais critérios configura-se numa atividade simplista. É simplista porque considera apenas uma classe limitada de conceitos que representam um determinado nível de generalidade e que, certamente, não são as concepções mais esquemáticas com que conseguimos lidar (*handling*).

Esta classe envolve, portanto, noções como ‘ação’, ‘locação’, ‘objeto’ e ‘propriedade’, em que o conteúdo conceitual de cada um é distinto. Essas noções são fundamentadas no que este autor denomina *arquétipos conceituais*.

Por exemplo, um objeto físico compreende uma extensão contínua de substância material (consiste de mudança que acontece ao longo do tempo), enquanto que uma ação em si é não-material (consiste no envolvimento de força).

Essas noções, acima citadas, são fundamentadas no que Langacker denomina *arquétipos conceituais* e são tão apropriadas quanto os protótipos para as categorias

linguísticas. Objetos e ações, por exemplo, são respectivamente prototípicos para as categorias Nome e Verbo.

De acordo com Neves (2007, p. 22), é na admissão da relação entre cognição e gramática que se assenta a noção de protótipo. Uma determinada categoria se define em termos de propriedades que são compartilhadas entre seus membros. Nesse sentido, o protótipo determina a classificação dos membros de uma categoria, “não sendo necessário que as propriedades comuns sejam partilhadas por todas as ocorrências, bastando que se manifestem, pelo menos, em mais de uma”.

Quando uma palavra é definida em termos de significado parece desconsiderar a natureza conceitual e valorizar a natureza objetiva da entidade designada. Sendo assim, Langacker (2008) diz que cognição não é vista como tendo papel significativo na determinação do significado da expressão. Por exemplo, que a natureza objetiva de um terremoto, como um tipo de ação (ou evento), implica que o nome terremoto necessariamente nomeia uma ação. Nesse sentido, um verbo como *explodir* e um nome como *explosão* podem referir-se ao mesmo evento e isso prova que nome e verbo não são semanticamente definidos: e se fossem, *explodir* e *explosão* pertenceriam à mesma categoria, uma vez que indicam o mesmo evento.

Esse autor argumenta ainda que este raciocínio depende da suposição equivocada de que, o fato de referir-se ao mesmo evento, torna as duas expressões semanticamente equivalentes, mas não são, pois

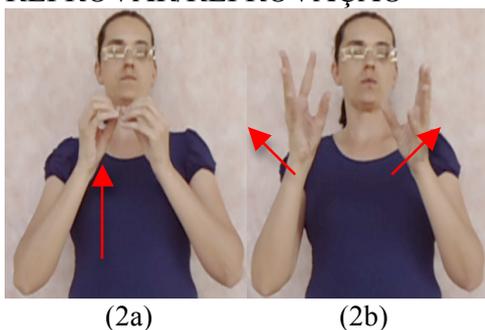
[...] enquanto é invocado o mesmo conteúdo conceitual, eles diferem no significado por causa de como são interpretados: ao contrário de *explodir*, o que reflete a natureza processual do evento, *explosão* interpreta isso como uma coisa abstrata derivada de reificação conceitual. É precisamente em virtude desse contraste conceitual que as expressões pertencem a diferentes categorias gramaticais⁷ (LANGACKER, 2008, p. 95).

No contexto de uma língua sinalizada observa-se que uma mesma forma do código assume diferentes significados e em virtude disso a distribuição em categorias gramaticais parece se dar em termos de significados equivalentes e não pelo contraste conceitual existente para a mesma forma.

⁷ No original: (...) while invoking the same conceptual content, they differ in meaning because of how they construe it: unlike *explode*, which directly reflects the event's processual nature, *explosion* construes it as an abstract thing derived by conceptual reification. It is precisely by virtue of this conceptual contrast that the expressions belong to different grammatical categories.

Em relação à LSB, por exemplo, observar apenas a forma do código para definir as categorias Nome e Verbo é um parâmetro que não se aplica, visto que a mesma forma do sinal pode apresentar significados distintos. Observe-se que a forma em (2) pode tanto ser ‘reprovar’ como também ‘reprovação’, entre outras noções como a de ‘reprovado’, por exemplo; no entanto, apesar de remeterem ao mesmo conteúdo conceitual é a intenção discursiva do usuário que determinará o significado.

(2) REPROVAR/REPROVAÇÃO



No sinal ‘reprovar/reprovação’ (2), as mãos fechadas se unem pelas pontas dos dedos (2a) e se distanciam para lados opostos e em direção para cima (2b). Observa-se também que a sinalizante infla discretamente as bochechas (2a).

Na perspectiva da GC, as noções gramaticais podem ser caracterizadas semanticamente, não apenas no nível de protótipos, mas também no nível de esquema. Enquanto seus protótipos consistem de arquétipos conceituais, suas caracterizações esquemáticas fazem referência a habilidades cognitivas básicas manifestadas naqueles arquétipos e mais tarde estendida a outros casos. Para a categoria Nome, por exemplo, o arquétipo que funciona como protótipo é a concepção de um objeto físico, enquanto que para Verbo, o arquétipo é a concepção de participantes interagindo energeticamente em um evento de força dinâmica (LANGACKER, 2008).

Um dos modelos de arquétipo conceitual apresentado por Langacker é o modelo “bola de bilhar” (*billiard-ball*). Este é um modelo cognitivo que representa uma forma fundamental de vermos o mundo. Nesse modelo, os arquétipos Nome e Verbo são concomitantes a seus status de categorias gramaticais mais fundamentais e contrastam em todas as suas propriedades básicas, conforme verifica-se no quadro (1), a seguir.

Quadro 1: Arquétipos para Nome e Verbo (com base em Langacker, 2008)

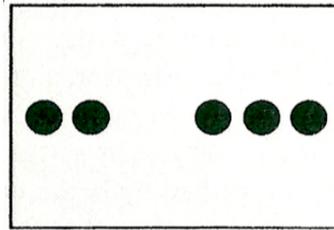
| NOMES | | VERBOS |
|-------|---|---|
| 1 | Um objeto físico é composto de substância material. | Uma interação energética não é por si só material, consistindo em mudança e transferência de energia. |
| 2 | Pensamos em um objeto como residente principalmente no espaço, onde é limitado e tem sua própria localização. | Assim, um evento reside principalmente no tempo; é temporalmente limitado e tem sua própria localização temporal. |
| 3 | No tempo, por outro lado, um objeto pode persistir indefinidamente, e não é considerado como tendo qualquer local específico neste domínio. | Por outro lado, uma localização de um evento no espaço é mais difusa e também derivativa, uma vez que ela depende da localização dos participantes. |
| 4 | Um objeto é conceitualmente autônomo no sentido de que podemos conceituá-lo independentemente de sua participação em algum evento. | É assim porque um evento é conceitualmente dependente e não pode ser conceituado sem conceituar os participantes que interagem para constituí-lo. |

1.3.1 O esquema para Nome em Langacker

De acordo com Langacker (2008), nossa capacidade para agrupamento é prontamente demonstrada no nível de percepção básico. Esse autor chama a atenção para o fato de que, ao observarmos a figura (1), rapidamente percebemos um grupo de dois pontos pretos, à esquerda, e outro grupo de três, à direita. Segundo esse autor, é tão forte essa tendência de agrupamento que não podemos ver apenas os cinco pontos como sem agrupamento especial, tampouco vê-los como agrupados de qualquer forma.

Segundo Langacker, vários fatores incentivam este agrupamento, sendo os principais contiguidade e semelhança. Para esse autor, similaridade pode ser considerada como um tipo abstrato de contiguidade.

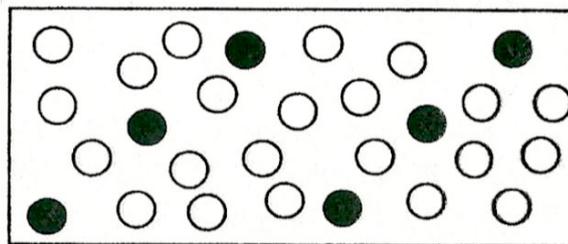
Figura 1: Esquema de Nome por meio de contiguidade e semelhança (Langacker, 2008)



(Reproduzido de Langacker, 2008, p. 105)

Observe ainda que os pontos na figura (2), a seguir, claramente formam grupos de dois e três com base na contiguidade espacial. Conforme podemos nos atentar, estes pontos organizam-se em grupos em razão da similaridade. Apesar da sua mistura espacial podemos facilmente perceber um grupo de seis pontos pretos, cuja cor os diferencia no grupo de brancos que, por sua vez, é maior. Segundo Langacker (2008), esta ilustração mostra-nos que agrupamento, como muitos outros fenômenos cognitivos, ocorre em vários níveis de organização conceitual.

Figura 2: Esquema de Nome por meio de configurações familiares



(Reproduzido de Langacker, 2008, p. 105)

Para Langacker (2008), uma outra base para o agrupamento é o reconhecimento de configurações familiares. A concepção de qualquer estrutura reside em operações mentais que unem – ou interconectam – as entidades interpretadas como constitutivas. Estas interconecções destacam as entidades constitutivas e as estabelecem como grupo.

Segundo Langacker (2008), uma vez que um agrupamento é estabelecido, ele pode funcionar como entidade única em níveis mais elevados de conceitualização. A esta capacidade de manipular um grupo como uma entidade unitária para propostas cognitivas de

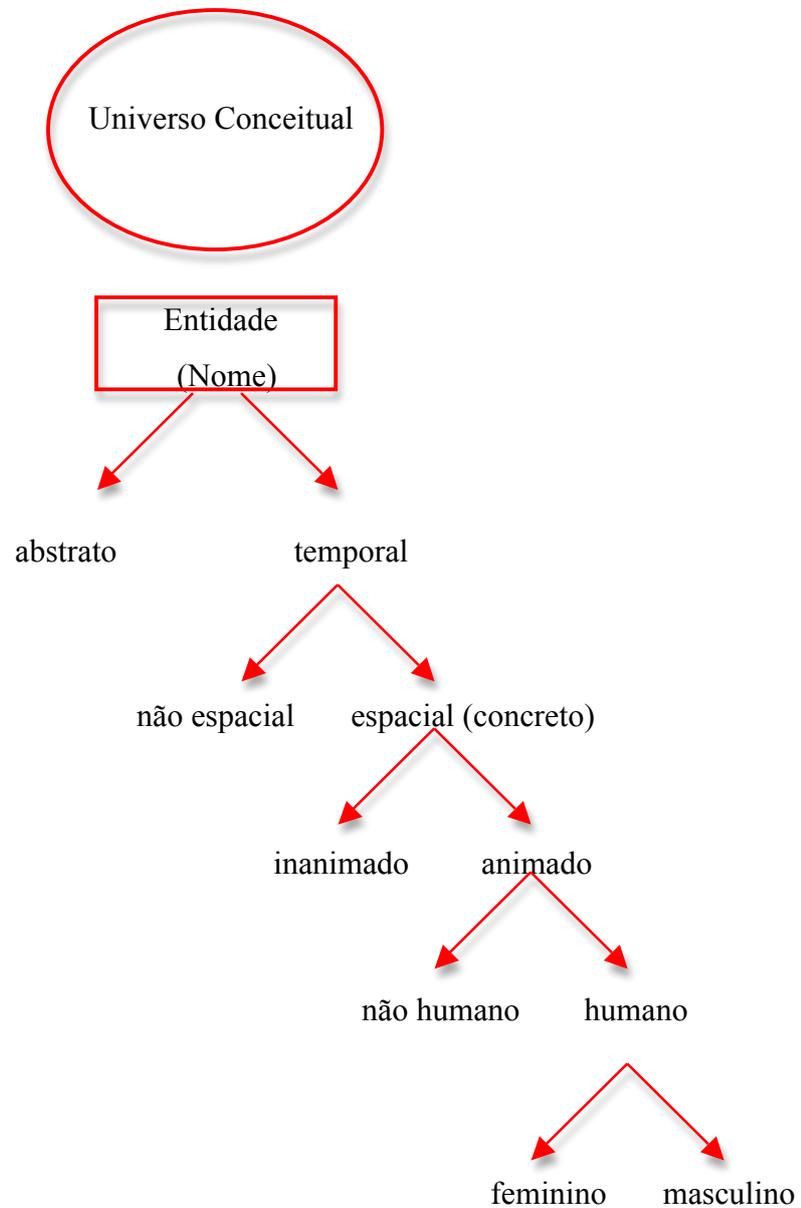
ordem superior, este autor denomina ‘reificação’. Nesse sentido, podemos definir uma *coisa* como algum produto de agrupamento e reificação.

1.3.2 O Nome na perspectiva da Linguística Funcional de Givón (2001)

De acordo com Givón (2001), a categoria Nome em uma língua geralmente apresenta características semânticas, sintáticas e morfológicas específicas.

Com relação às características semânticas, os Nomes compartilham propriedades prototípicas mais gerais e outras mais específicas. O esquema (1), a seguir, resume as propriedades semânticas prototípicas mais gerais de uma entidade e sua relação com o espaço.

Esquema 1: Principais características semânticas dos Nomes



(Adaptado de Givón, 2001)

Estas características distinguem o que é estável daquilo que é dinâmico no universo conceitual. Uma criança, por exemplo, num percurso natural se torna adolescente, em seguida adulto, porém algumas propriedades serão mantidas, como: humano – animado – existe no espaço – existe no tempo = entidade.

Quanto às características sintáticas dos Nomes na perspectiva givoniana, há duas formas especiais de se conferir as propriedades combinatórias: (i) o papel gramatical na

oração e (ii) o papel sintático no sintagma nominal. Em relação ao papel gramatical, o Nome normalmente assume a função de *sujeito*, *objeto direto*, *objeto indireto* ou *predicado nominal*. Cumpre ressaltar que, conforme Givón (2001, p. 59), não é bem o Nome que pode assumir vários papéis gramaticais, mas sim o sintagma nominal.

Ao nível do sintagma nominal, o Nome é o elemento sintático e semântico principal (o cabeça), o qual define o tipo de entidade envolvida. Nesse sentido, os demais elementos que compõem um sintagma nominal são os modificadores do Nome. No geral, estes modificadores são de natureza diversa, como: artigo, adjetivo, orações relativas (*Relative clause*), numeral e um pluralizador, possuidor e até mesmo por outro Nome.

Os Nomes apresentam características morfológicas diversas. De acordo com Givón (2001), a classificação morfológica dos Nomes surge a partir da classificação semântica que, com o passar do tempo, se perde e a morfologia se constitui em um sistema coerente. No geral, a morfologia gramatical de um sistema apresentará: marca de gênero, número, artigos, marcas de caso e pronomes possessivos.

A distinção entre masculino e feminino na LSB, por exemplo, é semanticamente relevante apenas para entidades animadas, conforme observamos nos dados desta pesquisa. Já no Português do Brasil, os gêneros masculino e feminino são semanticamente salientes para entidades animadas e inanimadas. Conforme Givón (2001, p. 62), há ainda línguas que apresentam uma terceira classificação em relação à distribuição as entidades em termos de gênero – o neutro.

Em relação ao número, as línguas se utilizam de sistemas diferenciados para especificar a quantidade de uma mesma entidade. É comum um sistema codificar como singular quando não há nenhuma marca morfológica e classificar como plural (ou dual) quando há alguma marca morfológica. Conforme Givón (2001, p. 64), em algumas línguas os Nomes são pluralizados pela reduplicação que pode ocorrer na forma completa do singular ou apenas em sílabas da palavra.

Os artigos definidos ou indefinidos, ou marcas de referência, muitas vezes se tornam clíticos no sintagma nominal, embora seu status morfêmico se torne obscuro pelo sistema de escrita. Dada a configuração sintática apropriada, os artigos podem tornar-se afixos nominais ou mesmo inflexões.

As marcas morfológicas de caso podem indicar os papéis semânticos (agente, paciente, recipiente, instrumento, locação etc.) ou função gramatical (sujeito, objeto direto, objeto indireto). Conforme Givón (2001), a preposição no Inglês, por exemplo, marca uma

gama de papéis semânticos, mas apenas a função sintática de objeto indireto. No Japonês, as marcas de caso podem indicar as funções gramaticais de sujeito e objeto direto, como uma marca pós posição (os morfemas vêm em posição final da palavra).

Os pronomes possessivos comumente aparecem como clíticos no sintagma nominal e eventualmente como afixos nominais.

Contudo, verifica-se que a morfologia gramatical é um sistema complexo e que as línguas precisam ser verificadas em suas singularidades.

1.3.3 O esquema para Verbo em Langacker (2008)

De acordo com Langacker (2008), o esquema para Verbo pressupõe duas habilidades cognitivas fundamentais: a habilidade de apreender relações e a habilidade de seguir relações através do tempo. A primeira habilidade diz respeito à maneira de conceituar múltiplas entidades como parte de uma mesma experiência mental, enquanto que a segunda habilidade refere-se a como as entidades relacionam-se umas com as outras.

Langacker (2008, p. 108) explica que as múltiplas entidades devem, de alguma forma, ser reunidas em uma única “janela” (quer através da memória, imaginação ou observação direta). Esta janela comporta ainda uma operação mental que envolva estas entidades de modo a estabelecer uma conexão entre elas. Este autor exemplifica esta operação da seguinte forma:

Considere a percepção de dois sons. Se os ouvirmos com uma hora de intervalo, estes tons provavelmente constituem experiências separadas e não relacionadas. Mas se os ouvirmos com apenas um segundo de diferença, não podemos evitar conexões entre eles através de alguma avaliação mental – observando, por exemplo, que o segundo som é mais agudo que o primeiro, que eles têm a mesma duração ou, simplesmente há dois sons juntos. Portanto, eles não são concebidos isoladamente, mas em relação um com o outro⁸ (LANGACKER, 2008, p. 108).

Isso significa que as entidades concebidas em relação umas com as outras são “interconectadas” pela operação mental que as enlaçam.

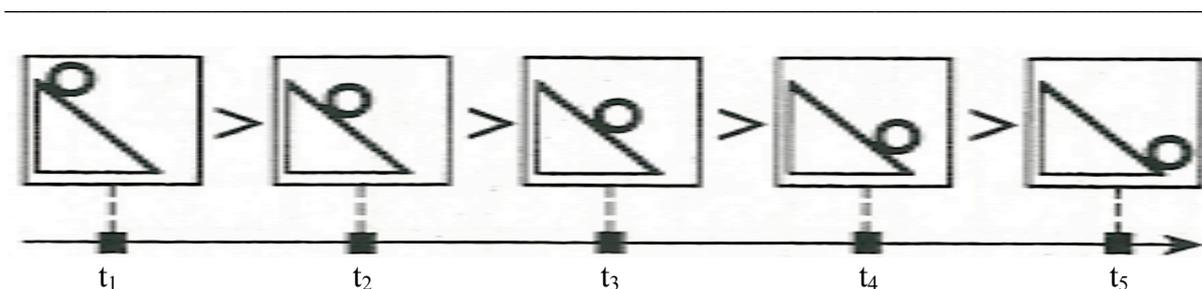
⁸ No original: Consider the perception of two tones. If we hear them an hour apart, they will almost certainly constitute separate and unrelated experiences. But if we hear them just a second apart, we cannot avoid connecting them through some mental assessment – observing, for example, that the second tone is higher in pitch than the first, that they have the same duration, or simply that there are two of them close together. Hence they are not conceived in isolation but in relation to one another.

Langacker (2008) chama a atenção para o fato de que as noções usadas para a caracterização das interconexões (relações) são as mesmas que se utilizam para a caracterização de coisas. No entanto, há dois fatores que podem distinguir corretamente coisas de relações: foco e reificação. Por exemplo, quando entidades são interconectadas, nosso foco pode ser tanto na operação em si como no grupo que elas estabelecem. Dessa forma, ao focar nas interconexões, conceitualizamos as relações. Ao contrário, conceitualizamos coisa quando o foco é no grupo que emerge das interconexões como uma entidade única.

Essas relações de que falamos podem ser simples ou complexas. Caracterizam-se como simples aquelas relações que consistem de uma configuração única, plenamente manifestada em um único ponto no tempo. São complexas as relações que fundamentam-se em componentes múltiplos, manifestadas através de uma extensão contínua do tempo.

Um evento simples pode ser comparado a uma bola rolando uma ladeira, conforme se observa na figura (3).

Figura 3: Representação do evento em relação ao tempo



(Reproduzido de Langacker, 2008, p. 109)

Observe-se que em cada instante a bola ocupa uma posição diferente no espaço, de modo que estas posições definem seu caminho espacial. De forma semelhante, o evento se desenrola através do tempo.

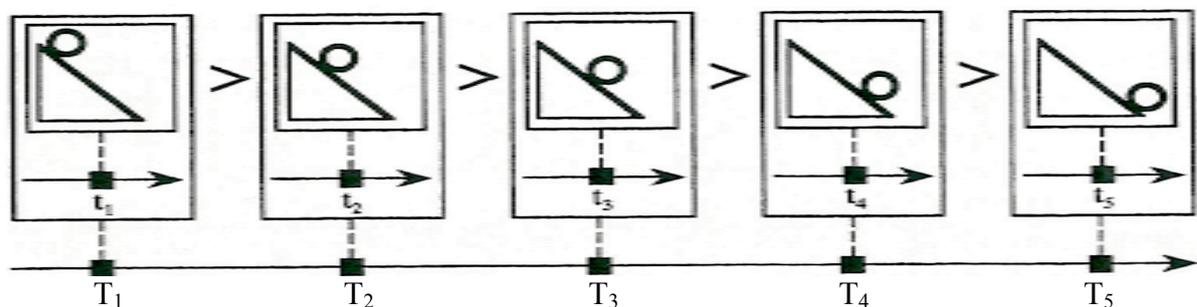
Langacker (2008) explica que a concepção de um evento é contínua em vez de discreta, ou seja, é similar a assistir a bola em movimento e não examinar cada posição como um recorte fotográfico. Nesse sentido, cada fatia de tempo se constituem *estados*, os quais não são individualizados, nem examinados separadamente no nível da consciência. A descontinuidade sugerida pelos diagramas estáticos é neutralizada pela noção de cunha (>) que se usa na figura (3).

Esta percepção de continuidade implica algum tipo de operação mental que serve para registrar a ocorrência ininterrupta de entidades constitutivas em toda a sua extensão. Para Langacker (2008, p. 109), este processo pode ser descrito como “digitalização”. Isto é,

[...] por meio de digitalização – através do espaço, no caso dos objetos e através do tempo para eventos – que seus (...) estados são integrados para criar a concepção perfeita de sua extensionalidade espacial ou temporal. A digitalização que ocorre com eventos constituem nossa capacidade para o rastreo de uma relação através do tempo⁹.

É essencial que se compreenda a diferença entre *tempo concebido* (t) e *tempo processado* (T). Concebemos tempo sempre que conceitualizamos um evento, isto é, a conceitualização é uma atividade mental que acontece “através do tempo” e tem sua própria duração temporal. Nesse sentido, tempo funciona como o “meio” de concepção e é referido como *tempo processado*. O diagrama na figura (4) representa como *tempo concebido* (t) e *tempo processado* (T) são representados.

Figura 4: Representação de *tempo concebido* (t) e *tempo processado* (T)



(Reproduzido de Langacker 2008, p. 110)

A conceitualização da atividade ocorre na extensão $T_1 - T_2$ do tempo processado. Cada um dos retângulos maiores corresponde à concepção ativa em um dado momento em que a bola ocupa um local particular em um determinado ponto. Estes pontos, por sua vez, definem o intervalo temporal $t_1 - t_5$ durante os quais o evento é concebido como ocorrendo.

Para Langacker (2008), uma das formas que conceitualizamos eventos é pela observação direta de sua ocorrência atual. Nesse sentido, a distinção entre *tempo concebido* e *tempo processado* parece supérfluo, uma vez que os intervalos temporais coincidem. Isso

⁹ No original: by means of scanning – through space in the case of objects, and through time for events – that their (...) states are integrated to create the seamless conception of their spatial or temporal extensionality. The scanning that occurs with events constitutes our capacity for tracking a relationship through time.

significa que, se a figura (4) representa o tempo real atual de uma bola rolando uma inclinação, o intervalo de tempo durante o qual ocorre a conceitualização ($T_1 - T_2$) é precisamente o mesmo de tempo de ocorrência do evento ($t_1 - t_5$).

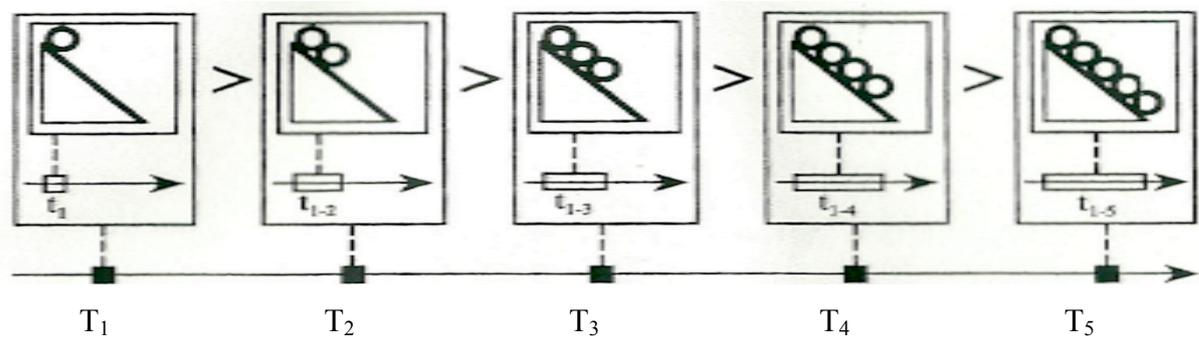
No entanto, o que deve ficar claro é que eles geralmente não são a mesma coisa em duração, isto é, o tempo que se leva para conceituar um evento e o tempo que se leva para que ele realmente ocorra são coisas muito diferentes. Por exemplo, se a conceitualização representada na figura (4) fosse uma das formas de recordar um evento passado ou imaginar um evento futuro, o tempo de conceitualização e o tempo de ocorrência do evento seriam claramente distintos.

Langacker (2008, p. 111) ressalta que é importante compreender que os componentes de estados (T_1, T_2, T_3 et) são mentalmente acessados através do *tempo processado* na ordem de sua ocorrência através do *tempo concebido*. Este autor ressalta ainda que apenas um componente de estado é fortemente ativado num dado momento que for processado. Isso equivale a rastrear mentalmente um evento que se desenrola através do tempo, que é “digitalizado” sequencialmente por ele ao longo do eixo temporal – “digitalização sequencial”.

Para uma melhor compreensão do que seja “digitalização sequencial”, suponhamos que realmente estamos assistindo a uma bola rolando uma inclinação. No nosso tempo real visualizaremos a bola em apenas uma posição a cada momento e, necessariamente acessaremos estes componentes de estados (T_1, T_2, T_3 et) na sequência precisa de sua manifestação temporal. Dessa forma, se uma relação se desenvolve através do tempo, a forma mais natural de apreendê-la é rastreá-la através do tempo. Por isso, “digitalização sequencial é igualmente aplicável se um evento é observado, lembrado ou imaginado” (LANGACKER, 2008, p. 111).

Somos capazes de visualizar eventos de uma outra maneira. Enquanto que no modo de digitalização, visto nas figuras (3) e (4), apenas um componente de estado é focado, os estados podem também ser acessados na sua sequência natural, conforme se observa na figura (5).

Figura 5: Representação do eixo temporal – digitalização sequencial



(Reproduzido de Langacker, 2008, p.112)

Observe-se que os estados se submetem à “soma” e estão mentalmente sobrepostos. Isso indica que em cada momento T_i de *tempo processado*, a concepção focada compreende as várias configurações possíveis na digitalização através do intervalo de *tempo concebido* $t_1 - t_i$. O resultado final é que todos os componentes de estado (T_1, T_2, T_3 et) estão ao mesmo tempo ativos e disponíveis.

Imaginemos uma bola de golfe rolando na grama. A trajetória da bola é um processo representado por meio de uma linha com uma forma correspondente. Ao observar a imagem dessa trajetória pela televisão, por exemplo, visualizamos uma soma explícita de imagens da bola que vão se sobrepondo sucessivamente, conforme se observa na figura (5). Interessante observar também que desde o início até o final da trajetória a imagem mostra a bola em todas as posições simultaneamente.

Langacker (2008, p. 112) esclarece que o termo “processo” é adotado por uma relação complexa que se desenvolve do *tempo concebido* e é sequencialmente digitalizado ao longo de um eixo. A partir desta caracterização fica claro que processo faz referência não somente ao conteúdo conceitual esquemático, mas também a uma maneira particular de acessá-lo mentalmente.

Em resumo “uma proposta básica da GC é que um verbo recorta (*profile*) um processo”. Portanto, “digitalização sequencial” é implicitamente categorizada como verbo.

1.3.4 O Verbo na perspectiva da Linguística Funcional de Givón (2001)

De forma semelhante ao que ocorre com a categoria Nome na perspectiva funcional de Givón (2001), a categoria Verbo geralmente apresenta características semânticas, sintáticas e morfológicas específicas.

As características semânticas prototípicas dos Verbos são apresentadas na seção 5.2. Cabe ressaltar aqui que os verbos constituem o núcleo semântico das proposições; portanto, das orações.

Quanto à caracterização sintática dos Verbos, Givón (2001) esclarece que eles não apenas ocupam o núcleo semântico das proposições, mas também o núcleo sintático das orações. O tipo semântico de um verbo determina, em grande parte seu comportamento sintático.

A caracterização morfológica dos Verbos envolve dois processos: morfologia gramatical e morfologia derivacional. Em relação à morfologia gramatical, diferentes marcas podem-se juntar aos verbos, variando de uma língua para outra. Entre os principais morfemas, Givón (2001) relaciona os marcadores de tempo, aspecto e modalidade; negação; pronomes sujeito e objeto (concordância verbal); concordância verbal não pronominal; morfologia transitiva e detransitiva; morfemas marcadores de caso; morfema marcador de definido; marcadores de ato de fala etc. Quanto à morfologia derivacional, nas línguas é possível uma palavra mudar de classe lexical através de características morfológicas, embora algumas derivações não sejam morfológicamente marcadas. Em todos estes casos Givón (2001) apresenta uma variação tipológica encontrada em diversas línguas.

Para exemplificar a morfologia gramatical, em Swahili (Bantu) os morfemas marcadores de tempo-aspecto-modalidade podem aparecer como prefixos verbais distintos, conforme se observa nos exemplos em (3). Exemplos de Givón (2001, p. 70).

| | | | | | |
|-----|----|---------------------|----------------|------------------|------------------------|
| (3) | a. | ni- na -soma | ‘I am reading’ | ‘Eu estou lendo’ | (presente progressivo) |
| | b. | ni- ta -soma | ‘I will read’ | ‘Eu lerei’ | (futuro) |
| | c. | ni- me -soma | ‘I have read’ | ‘Tenho lido’ | (perfeito) |
| | d. | ni- li -soma | ‘I read’ | ‘Eu li’ | (passado) |
| | e. | n- a -soma | ‘I read’ | ‘Eu leio’ | (habitual) |

A morfologia derivacional pode ser ilustrada através de exemplos do Inglês. Nesta língua os verbos podem ser derivados de adjetivos, conforme se observa no exemplo em (4). Exemplo de Givón (2001, p. 80).

(4) adjetivo para verbo

| | | | |
|--------|-----------------|---------|--------------|
| large | enlarge | ‘grande | ampliar’ |
| hard | harden | ‘rígido | endurecer’ |
| solid | solidify | ‘sólido | solidificar’ |
| little | belittle | ‘pouco | depreciar’ |
| active | activate | ‘ativo | ativar’ |

1.4 Considerações

Neste capítulo, verificou-se que a interação entre pares linguísticos é também uma necessidade humana. Nesse sentido, a linguagem, geralmente manifesta por meio de uma língua, se caracteriza como uma habilidade humana facilitada pela co-evolução desta espécie e da prática linguística.

A partir dessa pressuposição, uma língua deve sempre ser analisada considerando sobretudo aspectos cognitivos e culturais. Em relação à Língua de Sinais Brasileira, temos usuários cognitivamente criativos, como os de qualquer outra língua, bem como representantes de uma cultura própria. Estes fatores moldam a língua de sinais em estudo e são extremamente relevantes nas observações de fenômenos linguísticos, como as categorias lexicais Nome e Verbo.

Observou-se ainda que Nome e Verbo se tratam de níveis de organizações conceituais diferentes. Nome recorta (*profile*) entidades/coisas distintas (humano/não humano, animado/inanimado, espacial/não espacial, temporal/abstrato). Verbo, por sua vez, recorta interação/processo entre entidades/coisas.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA

2. Introdução

Neste capítulo, descrevem-se os procedimentos metodológicos para a constituição do *corpus* desta pesquisa. A natureza dos dados de uma língua sinalizada exige um tratamento diferenciado do que comumente se aplica aos dados de uma língua oralizada.

Nas seções que se seguem procura-se apresentar o perfil dos participantes/colaboradores da pesquisa, relatar os procedimentos para a coleta dos dados, explicar o sistema de transcrição dos dados e elucidar as etapas do processo para transcrição dos dados.

2.1 Os participantes da pesquisa

O *corpus*, especialmente coletado para esta pesquisa, se constitui de narrativas livres coletadas de surdos adultos fluentes em LSB. Optamos por trabalhar com narrativas especialmente para não limitarmos nossa análise em frases eliciadas e/ou descontextualizadas.

Aos participantes explicitou-se os objetivos da pesquisa e, após concordarem em colaborar, assinaram os documentos de protocolo para procedimento de pesquisa aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da Universidade Federal de Goiás. O modelo do documento utilizado encontra-se no Apêndice.

Realizamos as filmagens com dez participantes durante o primeiro semestre do ano de 2011. Durante a seleção dos vídeos para análise quatro filmagens foram desconsideradas. Duas por apresentarem problemas na qualidade da imagem, de modo que comprometiam a transcrição e duas por percebermos que na sinalização das participantes havia muitas interferências da Língua Portuguesa. Estas participantes perderam a audição na adolescência e provavelmente este é um dos motivos de interferência de uma língua na outra. Nos relatos, elas explicam que a perda foi de ordem genética causada por uma doença chamada otosclerose.

Para a coleta dos dados solicitamos aos primeiros colaboradores que narrassem algum fato para que pudéssemos registrar em vídeo. No entanto, mudamos de estratégia ao perceber que os participantes gostariam de orientações mais objetivas no sentido de dizer para eles o que gostaríamos que eles narrassem. Foi então que tivemos a ideia de sugerir que relatassem um pouco da história de vida pessoal.

As narrativas, de um modo em geral, apresentam a trajetória de cada um desde a infância até o ingresso em uma Instituição de Ensino Superior. Os relatos retratam especialmente as dificuldades de comunicação enfrentadas nos ambientes escolares. Nestas instituições de ensino todos os professores e demais segmentos eram ouvintes que não sabiam a língua de sinais e também não havia intérpretes de LSB.

O quadro (2), a seguir, apresenta o perfil dos participantes da pesquisa.

Quadro 2: Apresentação dos participantes da pesquisa

| Participante | Grau de escolaridade | Tipo de surdez | Classificação da surdez | Faixa etária | Naturalidade |
|---------------------|---|-----------------------|--------------------------------|---------------------|---------------------|
| 1 | Graduado em Letras (Port/Ing) e em Letras-LSB | adquirida | severa | 25-30 | Brasília-DF |
| 2 | Graduada em Pedagogia | congênita | profunda | 35-40 | Crixás-GO |
| 3 | Graduada em Pedagogia | congênita | profunda | 30-35 | Rio Verde-GO |
| 4 | Graduando em Letras-LSB | congênita | profunda | 30-35 | Rio Verde-GO |
| 5 | Graduado em Letras-LSB | congênita | profunda | 35-40 | Recife-PE |
| 6 | Graduanda em Pedagogia | congênita | profunda | 25-30 | João Pessoa-PB |

O grau de escolaridade é uma informação complementar e cumpre ressaltar que não foi proposital de nossa parte selecionar apenas participantes com curso superior completo e/ou com graduação em andamento. Tratam-se de participantes que atuam no contexto educacional e por isso a maioria tem curso superior. Cumpre ressaltar ainda que não podemos fazer considerações sobre até que ponto o grau de escolaridade dos usuários de LSB interfere no uso, bem como na estrutura desta língua, uma vez que não temos dados coletados de usuários com diferentes graus de escolaridade para contrastar.

De acordo com Albres (2010), a classificação das perdas auditivas quanto ao grau baseia-se na média obtida da soma do limiar encontrado nas frequências de 500, 1000, 2000 e 4000 hertz (Hz) e recebe denominações variadas, conforme observa-se no quadro (3).

Quadro 3: Classificação da perda auditiva de acordo com o grau

| Classificação | Média da diminuição da audição | Quantidade de participantes da pesquisa |
|----------------------|---------------------------------------|--|
| Normal | 0 – 25 dB | - |
| Leve | 26 – 40 dB | - |
| Moderada | 41 – 70 dB | - |
| Severa | 71 – 90 dB | 1 |
| Profunda | acima de 90 dB | 5 |

Os diferentes graus de perdas auditivas trazem implicações linguísticas diferenciadas. No caso dos indivíduos que apresentam perda severa e profunda, como é o caso dos participantes desta pesquisa, em sua maioria, interagem com o mundo por meio de experiências visuais e utilizam a língua de sinais. No contexto desta pesquisa, apenas o participante que tem surdez severa, apesar de a perda ter ocorrido na infância¹⁰, consegue oralizar bem, ou seja, utiliza a modalidade oral da Língua Portuguesa e tem boa compreensão da fala oral de seus interlocutores a partir de observações do movimento da boca e também de expressões faciais. Os demais utilizam apenas a língua de sinais.

Albres (2010, p. 56) explica que no tratamento com os surdos que utilizam da oralização nas relações pessoais há de se tomar cuidados, visto que “não há capacidade que supere os equívocos das palavras com articulação parecidas, como *FILA/VILA*, *COPO/COMO*, *FACA/VACA*, entre outras”.

A surdez pode ocorrer em diferentes fases do desenvolvimento humano. Em alguns casos a surdez desencadeia-se no período pré-natal (fetal) e é ocasionada por fatores diversos, como: infecção materna (rubéola, citomegalovírus, toxoplasmose, sífilis, e outros), terapia materna com drogas ototóxicas, exposição a irradiação (raio-X) durante a gestação etc.

¹⁰ De acordo com o relato do participante a perda da audição ocorreu aos três anos de vida e foi causada por uso de antibióticos.

A este tipo de surdez diz-se que é congênita. Há ainda a surdez que ocorre nos períodos peri-natal e pós-natal. As de origem peri-natal são ocasionadas por fatores como: anoxia (falta de oxigenação no cérebro), trauma de parto, icterícia, entre outros. A surdez que se desenvolve no período pós-natal tem como principais causas: otites, meningite, sarampo, caxumba, traumatismos, drogas (antibióticos aminoglicosídicos).

2.2 Organização da base de dados

As filmagens foram feitas com uma câmera digital *Cyber Shot DSC-W530*¹¹ (14.1 MP). Este tipo de equipamento se mostrou prático por algumas razões, a saber: o preço é mais em conta do que uma filmadora convencional, a qualidade da filmagem é boa, a maioria dos micros conseguem capturar, enfim, entre outras.

Optamos por utilizar imagens paradas no corpo do trabalho. Ressalta-se que apesar da imagem parada não representar suficientemente o sinal em sua composição total, a imagem contribui para que o leitor perceba um pouco mais as nuances da língua em estudo, visto que ainda não temos um sistema de transcrição convencional que nos possibilite isso.

Nos capítulos de um a cinco, os sinais, em sua maioria, são ilustrados com dois recortes da imagem pelo fato de serem itens isolados, conforme se observa no exemplo em (5). No último capítulo, utiliza-se apenas um recorte da imagem de cada sinal por motivo de simplificação, visto que trabalhamos com construções.

(5) NOME



(5a)

(5b)

¹¹ Após filmagens os arquivos de vídeos eram salvos em formato *Audio Video Interleave* (AVI), e posteriormente reproduzidos no *QuickTime Player*. Este é um programa que permite rodar vídeos numa resolução alta qualidade e pode ser baixado gratuitamente no endereço eletrônico <<http://www.baixaki.com.br/download/quicktime.htm>>.

No sinal ‘nome’ (5), o primeiro recorte (5a) representa o processo inicial de produção do sinal, enquanto que o segundo retrata o final (5b). A seta em vermelho, colocada no primeiro recorte, indica a direção do movimento (para a direita do sinalizante).

Além das imagens de nossos participantes, utilizamos também imagens de materiais impressos disponíveis, especialmente do *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue Língua de Sinais Brasileira* (Capovilla e Raphael, 2006, 2008). Quando em alguns exemplos não foram encontradas imagens nas filmagens nem nos materiais impressos utilizam-se imagens do pesquisador.

As descrições dos sinais que se utilizam neste trabalho foram feitas com base no dialeto da LSB encontrado em Goiânia.

2.3 Sistema de transcrição dos dados

O sistema de transcrição utilizado nesta pesquisa foi o mesmo que vem sendo utilizado pela maioria dos pesquisadores de LSs. Ainda não há, para essas línguas, um sistema de transcrição mundialmente convencional como há para as LOs. Portanto, a glosa¹² é comumente utilizada pelos pesquisadores da LSB para transcrever os dados linguísticos (Felipe, 1993, 1998, 2006; Ferreira-Brito, 1995; Quadros e Karnopp, 2004; Mesquita, 2008; Faria-Nascimento, 2009; Nascimento, 2010, entre tantos outros).

1- os sinais da LSB são representados por itens lexicais do Português do Brasil (PB), grafados em maiúsculo.

Ex.: ENSINAR

2- um sinal, cuja equivalência no PB corresponde a dois ou mais itens lexicais, é representado pela respectiva quantidade de itens separados por hífen;

Ex.: LETRAS-LIBRAS

3- o sinal composto (formado por dois itens diferentes) é representado pela quantidade de palavras correspondentes separadas pelo símbolo ^.

Ex.: CASA^ESTUDAR (escola)

¹² Segundo Mini Dicionário Aurélio – Dicionário da Língua Portuguesa: 2. Anotação marginal ou nas entrelinhas. No caso da glosa como sistema de transcrição dos dados linguísticos da LSB, utiliza-se itens lexicais da Língua Portuguesa, grafados em maiúsculo, para representar os sinais com o mesmo sentido (ou pelo menos o mais próximo possível).

4- os sinais datilológicos¹³ são representados por letras maiúsculas separadas por hífen;

Ex.: M-Ç-O (março)

5- o símbolo @ indica que não ficaram claramente expressos o gênero e o número, uma vez que a LSB se utiliza de recursos específicos para tais noções gramaticais.

Ex.: SURD@

2.4 Procedimento para transcrição dos dados

O processo de transcrição dos dados passou por três fases, as quais acreditamos terem sido de extrema relevância para os resultados obtidos nesta pesquisa. O processo de transcrição de dados é uma tarefa na pesquisa que demanda muito tempo.

A primeira fase consistiu de uma versão inicial da transcrição dos dados. Nessa etapa, o pesquisador, fluente em LSB, fez uma primeira versão da transcrição, com anotações do entendimento das narrativas. É importante registrar que, mesmo com fluência na língua pesquisada, as narrativas foram observadas e analisadas inúmeras vezes antes que se iniciassem as anotações.

As dúvidas levantadas na primeira fase da transcrição colocaram-nos diante da necessidade de uma revisão das anotações. Nessa tarefa, a qual denominamos como segunda fase do processo de transcrição, contamos com a colaboração de um surdo adulto, fluente em LSB e que não fez parte do grupo de participantes filmados.

As narrativas foram atenciosamente revistas e discutidas entre colaborador surdo e pesquisador. Essa fase proporcionou-nos ainda perceber detalhes que tinham passado sem serem notados nas várias vezes em que os vídeos foram observados e analisados na primeira fase e também serviu-nos para suscitar novas dúvidas¹⁴.

A partir das inúmeras observações feitas pelo colaborador surdo na segunda fase, consideramos que seria conveniente visitar as anotações com o auxílio de um colaborador ouvinte. Nessa terceira fase, colaborou conosco uma intérprete de Língua Portuguesa/LSB e também professora de LSB. Essa fase foi muito relevante, pois nos auxiliou a fazer as anotações de maneira mais clara.

¹³ Refere-se àqueles sinais da LSB produzidos de uma sequência de Configurações de Mãos (CMs) que, convencionalmente, exibem similaridade com as letras do alfabeto do PB (cf. seção 5.1.3).

¹⁴ Especialmente as Expressões Não Manuais linguísticas.

Para fazer as anotações, criamos um quadro simples, ilustrado em (4), para que os dados fossem sistematizados de forma organizada.

Quadro 4: Quadro para sistematização dos dados

| Participante: xxx | | | | |
|-------------------|----|---------------|------------------|---|
| TEMPO | OR | LSB | PORTUGUÊS | DÚVIDAS |
| 00:00:13 | 02 | IX<1> É SURD@ | Eu sou surdo. | É – o sinalizante realiza o <u>e</u> ou apenas o traçado do acento agudo? |
| 00:02:49 | 18 | MUDA IX<Unai> | Mudei para Unai. | |

No campo xxx (parte superior do quadro de anotações) preenchemos com o nome do participante surdo da pesquisa. No campo TEMPO (canto esquerdo do quadro) registramos o momento inicial de cada construção. Vimos que é imprescindível o registro do tempo, pois no momento da análise geralmente precisamos recorrer a uma mesma construção inúmeras vezes. Em OR (seguinte a TEMPO da esquerda para a direita) foi um espaço em que enumeramos a ordem das construções. No espaço LSB (seguinte a OR) utiliza-se a glosa. Em PORTUGUÊS (seguinte a LSB) anotamos a tradução livre e em DÚVIDAS (primeiro espaço da direita do leitor) marca-se tudo aquilo que não ficou claro durante as observações e análises das narrativas.

Algumas marcações não manuais, bem como observações que consideramos relevantes para nossa análise foram acrescentadas no espaço LSB, abaixo da glosa. O quadro em (5) ilustra as especificidades dessas anotações

Quadro 5: Registro das marcações não manuais e de algumas observações relevantes

| Participante: xxx | | | | |
|-------------------|----|---|------------------|---------|
| TEMPO | OR | LSB | PORTUGUÊS | DÚVIDAS |
| 00:00:13 | 02 | IX<1> É SURD@ | Eu sou surdo. | |
| 00:01:39 | 15 | SURD@ TER-NÃO Obs.: <u>ter-não</u> é realizado com as duas mãos. | Não havia surdo. | |

2.5 Considerações

Neste capítulo procurou-se explicitar como se deu a organização da pesquisa em todas as suas etapas, desde a apresentação dos participantes até as estratégias utilizadas no processo de transcrição dos dados. Verifica-se ainda que com um equipamento simples é possível obter imagens em alta resolução e que facilitou o processo de observação e análise dos dados. No entanto, frisa-se que o uso de equipamentos tecnológicos dependerá especialmente dos objetivos que se tem para a pesquisa.

CAPÍTULO III

APRESENTAÇÃO DE ALGUNS ASPECTOS DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA

3 Introdução

Neste capítulo, apresentamos alguns aspectos da LSB que se fazem necessários para um melhor entendimento de nossa discussão em partes posteriores do trabalho.

Neste trabalho adotamos o termo *senal* para referirmo-nos na LSB àquelas unidades das LOs reconhecidas como *palavras*. Em seguida dedicamos a esclarecer que o contexto deste trabalho envolve uma língua de modalidade visuoespacial e que esta determina as singularidades do código linguístico em estudo.

Por fim, verificamos algumas especificidades dos níveis fonológico e morfológico de análise linguística. No fonológico, observa-se como as unidades menores se organizam para formar os sinais, bem como distinguí-los. No plano morfológico, ‘problemas’ básicos se nos apresentam, a saber: quantas informações semânticas são transmitidas em um sinal e como esta informação é estruturada? Quais critérios nos possibilitam identificar unidades mínimas significativas na LSB?

3.1 Palavra e sinal

Em relação às línguas de sinais, nos poucos estudos descritivos existentes, consideram-se semelhanças no processo linguístico entre formação de *palavras* nas LOs e de *sinais* nas LSs (FELIPE, 2006; MEIR & SANDLER, 2008), dentre outros. Por conseguinte, *palavra* e *senal* são concebidos como unidades linguísticas paralelas e a função parece ser idêntica em ambos os casos – transmitir um conceito. No entanto, ao considerar a natureza linguística das modalidades envolvidas e também a complexidade encontrada ao longo da história na tarefa de definir e limitar a *palavra*, tratar *senal* como um correspondente pode se prestar a equívocos em muitos casos. Uma coisa é certa: tanto *palavra* como *senal* tratam-se de construtos teóricos.

Uma de nossas preocupações em seguir o fundamento da equivalência linguística seria, primeiramente, a não consideração pela forma característica de percepção de mundo pelos diferentes povos e comunidades, uma vez que, como já foi dito anteriormente, lidamos com grupos linguísticos diferenciados. Por um lado, usuários de uma língua oral-auditiva em que o mundo é percebido predominantemente pela audição. Por outro, usuários de uma língua visuoespacial em que o mesmo mundo é percebido, predominantemente, por meio de pistas visuais. Não afirmamos aqui que todos os usuários de LOs formam ideia do mundo da mesma forma, nem mesmo as pessoas surdas. Estamos certos de que os aspectos culturais, resultantes de experiências humanas compartilhadas, são preponderantes no modo como um grupo representa o mundo.

Nas palavras de Perini (2004, p. 52), “cada língua é um retrato do mundo, tomado de um ponto de vista diferente, e que revela algo não tanto sobre o próprio mundo, mas sobre a mente do ser humano. Cada língua ilustra uma das infinitas maneiras que o homem pode encontrar de entender o mundo”. Nesse sentido, uma língua é a expressão de mundo de um grupo linguístico e pode apresentar padrões diferenciados tanto no processo de formação de uma unidade linguística, quanto na forma de organização destas unidades em classes.

Numa perspectiva cognitivista, uma palavra ganha sentido quando consegue representar um conceito a partir de experiências humanas comuns (CROFT & CRUSE, 2004). Ou seja, ela terá sentido a partir do momento em que pode ser compartilhada pelo grupo por compartilhar, de forma coerente, unidades menores a partir de combinações próprias, que se organizam e constituem uma unidade linguística com significado. Esta unidade, por sua vez, será lançada na arquitetura da argumentação.

Em alguns casos, uma mesma palavra poderá representar coisas e/ou remeter a situações diferentes. Portanto, *palavra* pode ser considerada uma unidade linguística dotada de significado e, preferencialmente, inserida num contexto. Assim, *senal* compartilha com *palavra* uma característica fundamental, a saber: transmitir um conceito e promover interação entre membros que compartilhem do mesmo canal comunicativo.

No entanto, estas unidades assumem identidades que lhes são próprias dadas as especificidades de cada modalidade, como veremos na seção 3.2, a seguir. Nesse sentido, adotamos o uso de *senal*, em vez de *palavra*, para se referir a cada unidade linguística com significado da língua em estudo.

3.2 Modalidades linguísticas

Para Saussure (2000)¹⁵, a linguagem se manifesta socialmente por uma língua a qual é compartilhada entre os membros de uma comunidade linguística. A LSB é uma língua natural e é utilizada pela maioria das pessoas surdas no Brasil. Segundo Quadros (1997), as Línguas de Sinais (LS) surgiram de uma necessidade natural de comunicação entre as pessoas surdas que utilizam o canal visuoespacial como modalidade linguística.

O termo modalidade refere-se à maneira como a língua é produzida e percebida, principalmente, pelo usuário (Meier, 2002). As línguas de sinais são denominadas visuoespaciais pelo fato de que a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos, corpo e expressões não manuais; enquanto que uma língua oral caracteriza-se como oral-auditiva, visto que seus usuários, em sua maioria, fazem significação de mundo a partir da oralidade e da audição.

Neste trabalho partimos do princípio de que a diferença de modalidade entre línguas orais e línguas de sinais é um fator de extrema relevância na tarefa de pesquisar uma língua que tem muito a oferecer em termos de análise e descrição, como é o caso da LSB. Nesse sentido, postula-se que o código linguístico da língua de sinais em estudo apresenta singularidades.

3.3 Formação dos sinais na LSB

Stokoe (1960), reconhecido entre os principais pesquisadores das LSs dos últimos tempos, percebeu estrutura interna e sistematicidade nas LSs, concebendo-as como línguas ricas e complexas. A partir da publicação de sua consagrada obra em 1960, *Estrutura da Língua de Sinais*, semelhanças no processo linguístico entre formação de *palavras* nas LOs e de *sinais* nas LSs têm sido amplamente discutidas (FELIPE, 2006; MEIR & SANDLER, 2008, dentre outros).

Novas pesquisas sobre as LSs surgiram no cenário científico e consagraram a Configuração de Mão (CM), o Ponto de Articulação (PA), o Movimento (M), a Orientação da Palma (Or) e as Expressões Não Manuais (ENM) como parâmetros essenciais para a formação de um sinal.

Tais elementos manuais e espaciais se combinam de forma simultânea e constituem uma unidade linguística com significado, ou seja, um item lexical. Essas cinco

¹⁵ Obra clássica *Cours de linguistique générale*, publicada em Paris, em 1916.

características visuoespaciais de expressão linguística são conhecidas e tradicionalmente denominadas parâmetros de produção dos sinais.

Ferreira-Brito (1995), em uma das primeiras análises descritivas da LSB, a partir de estudos comparativos com a Língua Americana de Sinais (ASL), afirma a existência de estruturas fonológicas na LSB. Segundo a autora, o grupo de parâmetros já observado faz parte do sistema de organização de um conjunto infinito do código linguístico compartilhado pela comunidade surda brasileira para fins comunicativos.

Porém, o sentido atribuído a parâmetro, nesse contexto, parece remeter a uma ideia de estrutura rígida de organização de “traços fonológicos” na composição de um sinal em LSB, ou seja, os parâmetros de composição parecem ser sempre CM, PA, M etc. No entanto, nem sempre esses parâmetros se aplicam, como por exemplo, no sinal ‘sexo’¹⁶ na LSB, ilustrado em (6), em que não há nem CM, nem PA.

(6) SEXO



Observe-se que o sinal ‘sexo’, em (6), consiste de um movimento da bochecha a partir da pressão do ar contido na cavidade oral (6b).

Outro exemplo seria o *piscar de um dos olhos*¹⁷, associado a diferentes movimentos com a boca como em (7). Observe-se que são utilizadas tão somente expressões não manuais com conteúdo semântico suficientemente capaz de expressar diferentes sentidos em diferentes contextos comunicativos. Cumpre ressaltar que estas expressões são percebidas entre usuários da LSB, bem como entre usuários do PB e os sentidos são os mesmos.

¹⁶ Em LSB conhecemos dois sinais para se referir a ‘sexo’. A forma que exemplificamos é produzida da seguinte maneira: inflar a bochecha de um dos lados.

¹⁷ Imagens retiradas da internet para fins ilustrativos.

(7) a) desaprovação



b) cumplicidade



c) paquera



As expressões não manuais *piscar um dos olhos e diferentes movimentos com a boca* (entre outros arranjos faciais) podem significar: “desaprovação (7a)”, “cumplicidade (7b)” e “paquera (7c)”¹⁸.

Portanto, por essa e outras razões, optamos por nos referir ao que vem sendo tradicionalmente denominado “parâmetro”, como “conjuntos de traços fonológicos”. Isto é, o conjunto Configuração de Mão é composto por uma quantidade finita de traços, e da mesma forma, os demais conjuntos.

Para trabalharmos com alguns aspectos fonológicos da LSB, recorreremos a Zeshan (2002), a qual sugere que o termo “fonológico”, quando aplicado à LS, seja entendido de forma abstrata como se referindo ao menor nível sublexical de organização linguística, e não tomado literalmente como ramo de estudo unicamente do sistema sonoro de uma língua. Tais aspectos serão discutidos na seção seguinte.

3.3.1 Conjuntos de traços fonológicos na LSB

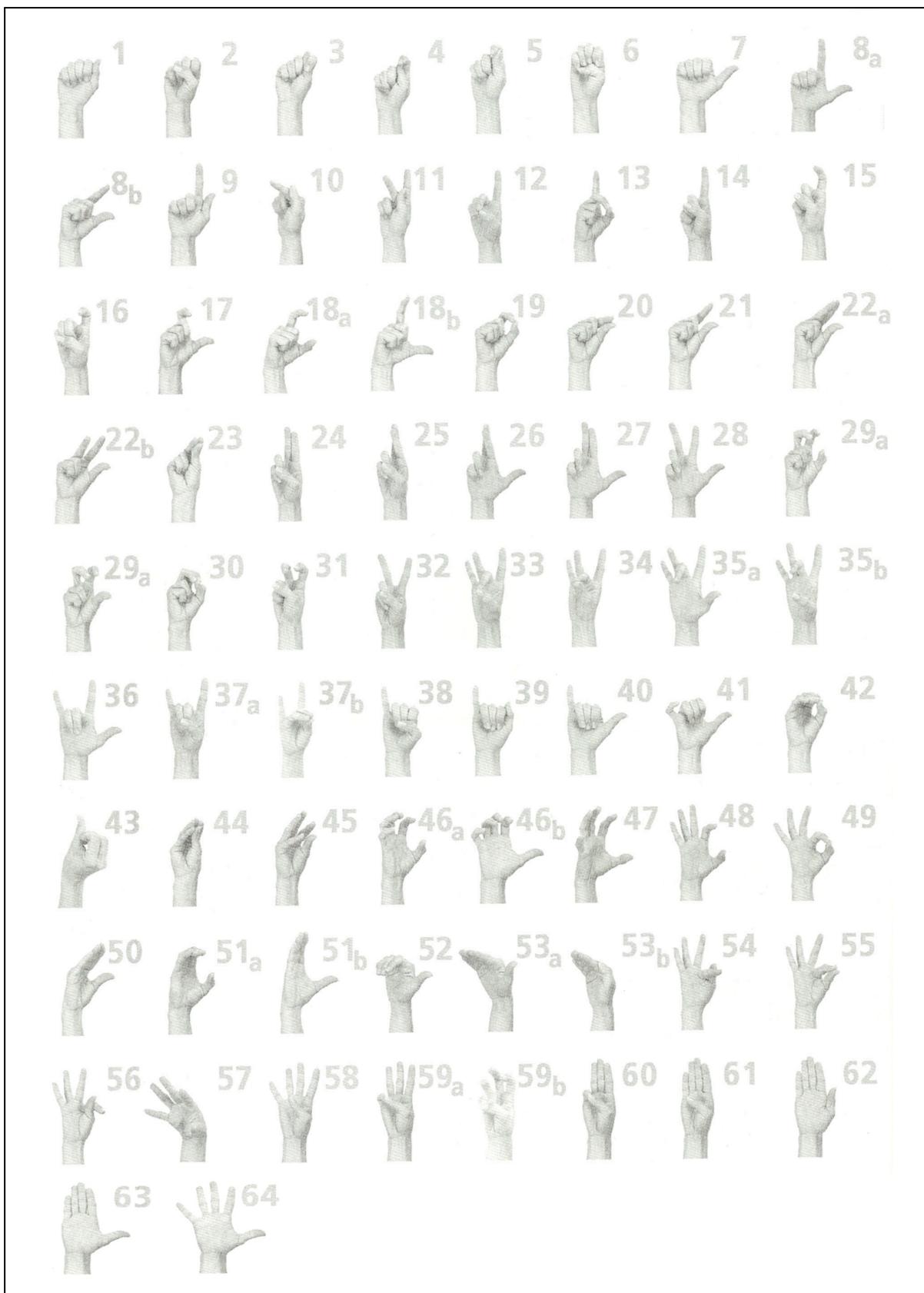
Os conjuntos que compõem o nível fonológico da LSB são: Configuração de Mão (CM), Ponto de Articulação (PA), Movimento (M), Orientação da Palma (Or) e Expressões Não Manuais (ENM) e serão brevemente discutidos nessa seção com o objetivo de se reconsiderar a natureza do conceito fonema nas LSs, que tem considerado o conjunto de traços como menores segmentos utilizados para distinguir sinais.

O primeiro conjunto a ser discutido é a Configuração de Mão (CM). Este refere-se à forma da mão utilizada na produção de um sinal. Inventários cada vez mais amplos deste conjunto foram apresentados no decorrer de pesquisas que procuraram sistematizar as CMs observadas. Ferreira-Brito (1995) apresenta um inventário com quarenta e seis CMs e, pouco

¹⁸ Esses significados são apenas sugestões dentro de uma gama de possibilidade existente, a depender do contexto, onde residem as intenções discursivas.

mais de uma década depois, Felipe e Monteiro (2006) apresentam um inventário um pouco mais amplo, desta vez com sessenta e quatro CMs, conforme se observa no quadro (6), a seguir, e acreditamos que esse inventário seja hoje bem mais amplo.

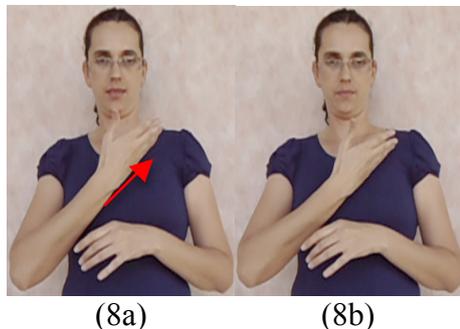
Quadro 6: Configurações de mão propostas por Felipe e Monteiro (2006)



(Reproduzido de Felipe e Monteiro, 2006, p. 28)

Observe-se que, para a produção do sinal ‘amigo/a’, ilustrado em (8), por exemplo, uma CM é selecionada pela sinalizante¹⁹.

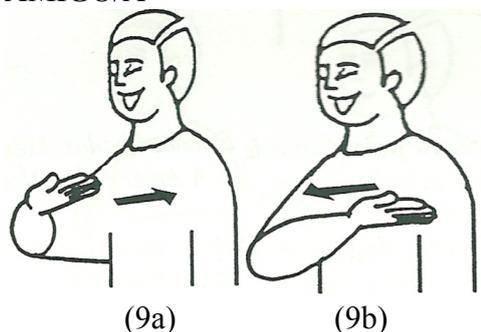
(8) AMIGO/A



Em ‘amigo/a’ (8), os dedos mantêm-se abertos e bem próximos um do outro, exceto pelo polegar (8a) e a lateral do dedo mínimo da mão direita da sinalizante toca o busto (8b). Verifica-se, no entanto, que o conjunto CM é composto por elementos manuais e constitui critério de organização estrutural de alguns sinais em LSB.

Observamos que os critérios para a seleção da CM na produção de um sinal em LSB não são tão rigorosos quanto julgamos ou consideramos que seja. O sinal ‘amigo/a’ ilustrado novamente em (9), é uma forma dicionarizada encontrada em Capovilla e Raphael (2006) descrito da seguinte forma: “*mão direita horizontal aberta, palma para cima, dedos para a esquerda, próxima ao peito (9a). Tocar levemente o peito, duas vezes (9b). (...)*”. Por conseguinte, verifica-se que todos os dedos, sem exceção, são mantidos abertos e unidos.

(9) AMIGO/A



No sinal ‘amigo/a’, ilustrado em (8), a CM é intermediária entre as de números sessenta e dois e sessenta e três do quadro (6). Em ‘amigo/a’ (9), a CM corresponde exatamente a de número sessenta e dois.

¹⁹ Terminologia utilizada por Cunha (2011) para se referir a usuários de LSs em oposição a “falantes” usuários de LOs, adotada também neste texto.

Outras variações desse conjunto na produção de sinais na LSB são observadas, assim como pode ocorrer nos demais conjuntos. Importante ressaltar, as variações possíveis na seleção de determinado conjunto de traços fonológicos para a produção de um sinal em LSB ocorrerão apenas entre traços que apresentam certas similaridades dentro de um determinado conjunto; do contrário, alterações podem funcionar como traço distintivo para a produção de outro sinal (cf. seção 3.3.2).

O segundo conjunto de traços fonológicos em LSB a ser discutido é o Ponto de Articulação (PA)²⁰. Este conjunto refere-se à parte do corpo ou do espaço ao redor do sinalizante em que o sinal é produzido. Há diferentes PAs no corpo e no espaço neutro, conforme podemos observar no quadro (7), a seguir.

²⁰ Também denominado Locação (JOHNSTON & SCHEMBRI, 2007; MEIR & SANDLER, 2008, dentre outros).

Quadro 7: Principais Pontos de Articulação

| Cabeça | Braços |
|--|--|
| topo da cabeça testa rosto parte superior do rosto parte inferior do rosto orelha olhos nariz boca bochechas queixo zona abaixo do queixo | braço antebraço cotovelo pulso |
| | Mão |
| | palma costas da mão lado do indicador lado do dedo mínimo dedos ponta dos dedos nós dos dedos (junção entre os dedos e mão) nós dos dedos (primeira junta dos dedos) dedo mínimo |
| Tronco | |
| pescoço ombro busto estômago cintura | anular dedo médio indicador polegar interstícios entre os dedos interstícios entre o polegar e o indicador interstícios entre o indicador e o médio interstícios entre o médio e o anular interstícios entre o anular e o mínimo |
| Outros | |
| perna espaço neutro | |

(Adaptado de Ferreira-Brito, 1995)

Observe-se nos sinais apresentados em (10), a seguir, que a mão (ou mãos) dos sinalizantes toca(m) em diferentes partes do corpo²¹.

²¹ Para Johnston (1989a), os sinais que envolvem contato ou proximidade com o corpo podem ser divididos em duas categorias. Na primeira categoria, denominada locações primárias, estão aqueles sinais em que o PA é o próprio corpo. A segunda categoria, chamada de locações secundárias, agrupa aqueles sinais que têm uma das mãos como PA.

(10) a) MOTORISTA



b) FEMININO



c) SURDO/A



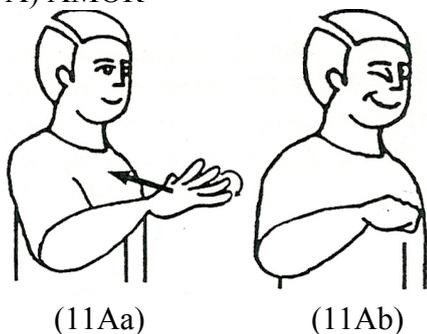
d) 3ª SÉRIE



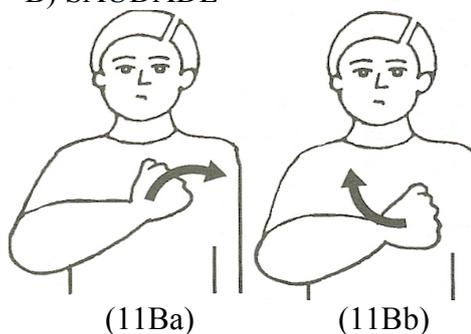
Em ‘motorista’ (10a) as mãos entram em contato como o ombro; em ‘feminino/mulher’ (10b) o contato da mão é com o rosto (bochecha); em ‘surdo/a’ (10c) o contato é feito com a orelha da sinalizante; e em ‘3ª série’ o contato é com o antebraço (10d).

Uma observação interessante feita por Zeshan (2000) em relação ao PA é que um grupo de sinais que compartilham de um mesmo domínio de significado pode ter em comum o mesmo PA. Na direção do coração, por exemplo, local sociológico dos sentimentos, sinais como ‘amor’ e ‘saudades’ têm essa região como PA. Observe-se nos exemplos em (11).

(11) A) AMOR



B) SAUDADE



No sinal ‘amor’ (11A), “mão direita horizontal aberta, palma para baixo, dedos para a esquerda, em frente ao peito (11Aa). Mover a mão para trás, fechando-a em S e tocar o peito, com expressão de felicidade (11Ab)” (Capovilla e Raphael, 2006, p. 184). Em ‘saudades’ (11B), “mão direita em A horizontal, palma para dentro, tocando o lado esquerdo do peito (11Ba). Mover a mão em um pequeno círculo vertical para a esquerda (11Bb), duas vezes, com expressão de tristeza” (Capovilla e Raphael, 2008, p. 1170).

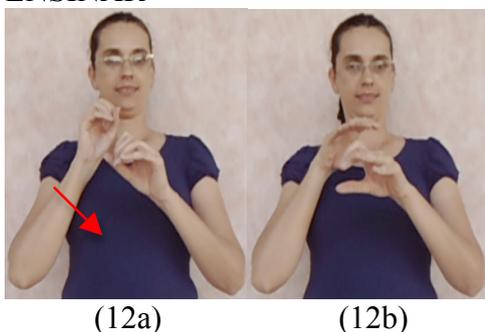
O terceiro conjunto a ser apresentado é o Movimento (M). Este refere-se ao movimento da mão (ou das mãos) durante a realização de um sinal e pode assumir diferentes formas. Meir e Sandler (2008) afirmam haver outros aspectos do M que podem estar presentes nos sinais. Na LSB, esses aspectos envolvem, segundo Ferreira-Brito (1995),

diversas formas e direções, desde os movimentos internos da mão, os movimentos do pulso, os movimentos direcionais no espaço, até conjuntos de movimentos no mesmo sinal.

O M interno refere-se ao movimento realizado no percurso de um Ponto de Articulação (PA) a outro. Segundo Meir e Sandler (2008), este tipo de M está dividido em duas categorias. A primeira categoria se refere à mudança na posição dos dedos (se abrem ou fecham); a segunda, à mudança na Orientação da Palma (Or).

Em LSB, a alteração na posição dos dedos pode ser observada no sinal ‘ensinar’ em (12).

(12) ENSINAR



No sinal ‘ensinar’ em (12), “mãos verticais, palmas para frente, dedos de cada mão unidos pelas pontas, lado a lado, diante do peito (12a). Movê-las para frente, distendendo e separando os dedos, duas vezes (12b)” (Capovilla e Raphael, 2006, p. 591).

Em relação à segunda categoria de Movimentos internos, que diz respeito à mudança na Orientação da Palma (Or), esta manifesta-se na LSB no sinal ‘intérprete’ em (13).

(13) INTÉRPRETE



Em ‘intérprete’ (13), a posição inicial da mão direita (MD) é com a palma para baixo (8a) e a final, com a palma para cima (13b).

O quarto conjunto a ser mencionado é a Orientação da Palma (Or). Este refere-se à direção da palma da mão durante a produção de um sinal. Nascimento (2010) apresenta um sumário desse conjunto. Observe-se no quadro (8), a seguir.

Quadro 8: Sumário das Orientações da Palma da Mão na produção de sinais na LSB



(Reproduzido de Nascimento, 2010, p. 16-17)

O quinto conjunto de traços fonológicos são as Expressões Não Manuais (ENM). Ferreira-Brito (1995) considera componentes não manuais em LSB a expressão facial e o movimento do corpo, os quais são considerados conjuntos devido à sua relevância na diferenciação de significados, especialmente. Ainda segundo esta autora, tanto os grupos primários quanto os secundários e os componentes não manuais podem estar presentes de forma simultânea na organização de um item na LSB.

Meir e Sandler (2008) apontam que o aspecto mais saliente na comunicação entre surdos é a expressão não manual (ENM) que acompanha os sinais. Para as autoras, a fluidez e a naturalidade nas ENM percebidas na comunicação entre pessoas surdas não são as mesmas

verificadas nos ouvintes. Entre estes, o uso do corpo muitas vezes pode parecer exagerado, naqueles é natural. Ainda segundo essas autoras, da mesma forma que a entonação vocal, as Expressões Não Manuais (ENM) estão divididas em dois tipos principais: ENMs linguísticas, aquelas convencionalizadas como parte da gramática da língua; ENMs paralinguísticas, aquelas que transmitem a emoção ou atitude do falante. Isto é, nas LSs as expressões não manuais podem ou não fazer parte da estrutura linguística da língua.

3.3.2 Traços fonológicos que distinguem sinais na LSB

Em LSB alguns dos traços fonológicos que compõem os conjuntos podem distinguir um sinal de outro.

Observe-se nos exemplos em (14), a seguir, que os sinais ‘amigo/a’ e ‘número’ diferenciam-se pela Configuração de Mão.

(14) A) AMIGO/A



(14Aa)

(14Ab)

B) NÚMERO



(14Ba)

(14Bb)

Em ‘amigo/a’ (14A), a mão se encontra aberta, enquanto que em ‘número’ (14B) a mão está fechada.

O Ponto de Articulação (PA) também pode distinguir um sinal de outro. Observe-se nos exemplos em (15).

(15) A) APRENDER



(15Aa)

(15Ab)

B) SÁBADO/LARANJA



(15Ba)

(15Bb)

No sinal ‘aprender’ (15A) a “mão direita em S vertical, palma para a esquerda, tocando na testa. Abrir e fechar a mão ligeiramente” (Capovilla e Raphael, 2006, p. 215). Em ‘sábado/laranja’ (15B), “mão direita em S vertical, palma para a esquerda, diante da boca. Abrir e fechar ligeiramente” (Capovilla e Raphael, 2008, p. 1155). Os sinais em (15) se diferenciam pelo PA. Enquanto que em ‘amigo/a’ a mão está diante da testa, em ‘sábado/laranja’ a mão está diante da boca. Cumpre ressaltar que os sinais ‘sábado’ e ‘laranja’ na LSB se distinguem pelo contexto.

Quanto à categoria Movimento, em LSB, nenhum estudo realizado até o momento apresenta sinais pertencentes à mesma categoria que se distingam com base na quantidade de movimentos.

Na Língua de Sinais Israelense (ISL), Meir e Sandler (2008) observaram que o número de movimentos (se uma ou duas vezes) pode estabelecer uma diferença entre certos sinais. Os sinais referentes a ‘sorte’ e ‘empréstimo’ em (16), por exemplo, são distinguidos pelo número de movimentos feitos. Enquanto que em ‘sorte’ (16a) a mão direita (MD) toca na mão esquerda (ME) com um Movimento feito uma vez, no sinal para ‘empréstimo’ (16b) a MD toca a ME duas vezes. Exemplos de Meir e Sandler (2008, p. 29).

(16) A) SORTE



B) EMPRÉSTIMO



O conjunto Orientação da Palma pode distinguir um sinal de outro na LSB. Observe-se os sinais ‘trabalhar’ e ‘televisão’ em (17).

(17) A) TRABALHAR



(17Aa)

(17Ab)

B) TELEVISÃO



(17Ba)

(17Bb)

No sinal 'trabalhar' (17A), as palmas estão orientadas para baixo. Em 'televisão' (17B), as palmas de ambas as mãos estão orientadas para frente.

Em relação às Expressões Não Manuais (ENM), os sinais 'laranja' e 'limão', em LSB, se distinguem com base nas ENMs. Observe-se no exemplo (18).

(18) A) LARANJA



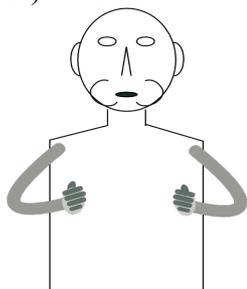
B) LIMÃO



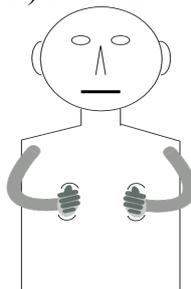
O sinal 'laranja' (18a) é produzido com um movimento de abrir e fechar a mão diante da boca. Em (18b) o sinal 'limão' (18b) é produzido com o mesmo movimento de abrir e fechar a mão diante da boca, com a testa franzida

A diferenciação de sinais com base nas ENMs é também observada na Língua de Sinais do Indo-Paquistão (IPSL). De acordo com Zeshan (2000), há alguns pares mínimos e análogos (*near-minimal*) de sinais em IPSL em que os conjuntos Configuração de Mão, Ponto de Articulação, Movimento e Orientação da Palma são os mesmos, sendo função de algum traço não manual a diferenciação do significado. Observe-se nos exemplos em (19). Exemplos de Zeshan (2000, p. 46).

(19) A) GORDO/A



B) FORTE



No sinal ‘gordo/a’ (19a) é produzido com as bochechas infladas²² e uma ampla circunferência com os braços, o que dá a impressão de uma face gorda; em ‘forte’ (19b), os braços estão mais perto do corpo e as mãos fazem um movimento de rápida vibração para cima e para baixo.

3.4 O conceito de *morfema* na LSB

De acordo com Felipe (2006), os conjuntos Configuração de Mão, Ponto de Articulação, Movimento, Orientação da Palma²³ e Expressões Não Manuais podem expressar morfemas que, através de alterações nas suas combinações, formam diferentes itens lexicais na LSBs.

É certo, porém, que morfema é um construto teórico elaborado a partir do estudo das línguas orais e que apresenta diferentes facetas. De acordo com Biderman (2001), em uma língua flexiva, como a Língua Portuguesa por exemplo, os morfemas podem ser considerados como os constituintes imediatos dos lexemas. Isso significa que um radical²⁴ léxico porta o mesmo substrato semântico de uma gama de vocábulos desta língua. Observe-se em (20) a raiz *clar-* presente na família de palavras em Língua Portuguesa. Exemplos de Biderman (2001, p. 126):

(20) *claro – clareza – claridade – claramente – clarear – clarificar – esclarecer*

²² Segundo Zeshan (2000), esse sinal jamais ocorre sem esta expressão não manual (ENM), de modo que deve ser considerada parte integrante do sinal.

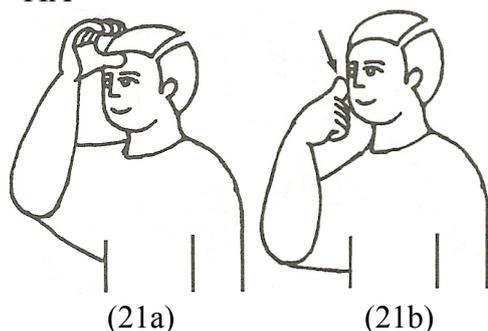
²³ Felipe (2006) refere-se a este parâmetro como Direcionalidade (Dir).

²⁴ Corresponde ao elemento irreduzível e comum às palavras de uma mesma família. Considerando-se a série: *ferro / ferreiro / ferradura / ferramenta*, é o segmento *ferr-* que, por satisfazer às exigências especificadas, representa o radical (Kehdi, 2007, p. 26-27).

Nesses exemplos, a um radical léxico somam-se elementos, denominados afixos²⁵, que denotam valores tanto lexicais (semânticos) como gramaticais. Assim em /claro/, por exemplo, o morfema que indica valor lexical realiza-se como *clar-*, enquanto que o valor gramatical cumpre-se no morfema *-o*.

Na LSB, afirmar a existência de morfema comparando sua ocorrência em um processo análogo ao que se observa nas LOs nos parece complicado, uma vez que um mesmo princípio de análise será inútil em muitos casos. Apesar da noção gramatical de gênero que se tem em Língua Portuguesa, por exemplo, na língua de sinais em estudo o universo é descrito sem fazer referência a conceito dimensional de gênero para entidades inanimadas, como ocorre no Português do Brasil. Nessa pesquisa observa-se que a noção de gênero se aplica à entidades animadas e humanas pospondo-se o sinal ‘homem’ e ‘mulher’, conforme se observa nos exemplos (21) e (22).

(21) TIA

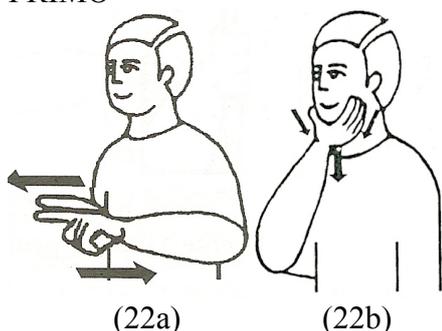


No sinal ‘tia’, em (21), tem-se primeiro o sinal para *tio/a* que se descreve: “mão direita em C, palma para a esquerda, lateral do polegar tocando a testa” (Capovilla e Raphael, 2008, p. 1250), seguido do sinal que indica o gênero feminino: “mão direita em A, palma para esquerda, polegar destacado. Passar o lado do polegar sobre a bochecha, em direção ao queixo” (Capovilla e Raphael, 2008, p. 927).

Em ‘primo’ (22), tem-se o sinal para *primo/a*: “mãos em D horizontal, palmas para baixo, na altura da cintura. Movê-las, alternadamente, para frente e para trás (22a)” (Capovilla e Raphael, 2008, p. 1082), seguido do sinal para masculino: “mão direita em C horizontal, palma para cima, dedos tocando cada lado do queixo. Mover a mão, ligeiramente para baixo, unindo as pontas dos dedos (22b)” (Capovilla e Raphael, 2006, p. 736).

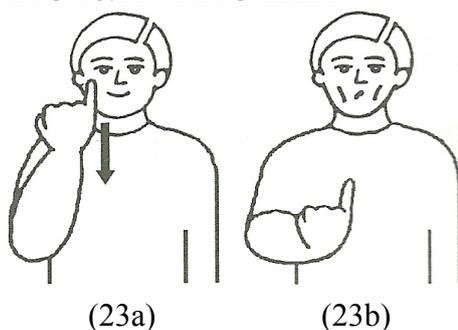
²⁵ Morfemas que se anexam ao radical para mudar-lhe o sentido. Os afixos podem vir antepostos ou pospostos ao radical. Quando antepostos os afixos são denominados prefixos (ex.: *des-leal*, *in-feliz*, *re-por*); quando pospostos, são denominados sufixos (ex.: *cruel-dade*, *firme-mente*). Assinala-se que o acréscimo de um sufixo pode contribuir para a mudança de classe, enquanto o mesmo não ocorre quando se acrescenta um prefixo. (Kehdi, 2007, p. 27).

(22) PRIMO



Na LSB não se verifica uma variação na forma do código como ocorre no Português do Brasil. Observe-se que o sinal ‘magro/a’ e ‘magreza’, exemplificado em (23), embora apresente a mesma forma, pode expressar noções distintas.

(23) MAGRO/A – MAGREZA



No sinal ‘magro/a’ e ‘magreza’ em (23), “mão direita em I, palma para dentro, ao lado direito da face (23a), baixar a mão, sugando as bochechas (23b)” (Capovilla e Raphael, 2008, p. 856).

Uma outra manifestação de elementos denominados morfemas que geralmente se aplica às línguas orais é aquela em que se observa a recorrência sistemática das mesmas formas com os mesmos significados. Considerem-se algumas formas paradigmáticas de alguns verbos regulares no Português do Brasil, a saber: *falar* em que o *-ar* figura a forma finita de um verbo regular; *falando* em que o *-ando* figura o gerúndio e *falado* em que o *-ado* figura o particípio (considera-se aqui apenas um dos três modelos paradigmáticos de conjugação verbal nessa língua). Nessa perspectiva uma característica típica do morfema seria constituir uma sequência fonológica recorrente com um significado constante.

Ao considerar um paradigma verbal irregular, como o verbo *ser* no PB por exemplo, verifica-se que o verbo não apresentará o mesmo radical léxico recorrente em todas as formas, nem constituirá sequências morfofônicas semelhantes. No entanto, o significado

dessas formas representará o mesmo componente de significado em enunciados paralelos (Biderman, 2001, p.133).

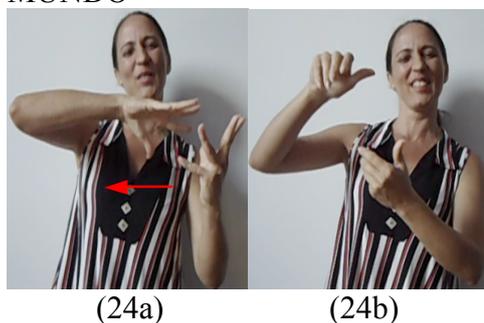
Contudo, conclui-se que o conceito de morfema nas línguas orais está, em grande parte, relacionado ao valor significativo que se pode obter das formas paradigmáticas do léxico de uma língua.

A afirmação de que na LSB os conjuntos de traços expressam morfemas parecidos inócuos, visto que esses segmentos nem sempre são portadores de significado. Conforme discutido por McCleary e Viotti (2011), o que parece ser crucial para a afirmação da existência de morfemas nas LSs é que os componentes linguísticos só ganham significados quando colocados juntos e/ou em um contexto particular.

o que parece ser peculiar às línguas sinalizadas é que a inovação não se limita à associação inusitada de dois ou mais elementos linguísticos propriamente ditos, como na junção de dois morfemas para a formação de uma nova palavra. Nas línguas sinalizadas, a criatividade parece estar, sobretudo, na utilização de diversas combinações, em diferentes graus, de partes linguísticas e partes gestuais para a criação de novas expressões, para a adição de qualificações às expressões, para a indicação do ponto de vista e afeto do sinalizador em relação aos referentes das expressões, para a descrição de lugares, objetos ou movimentos, para a narração de eventos e para a explicação de ideias (McCleary & Viotti, 2011, p. 291).

Observe-se, a seguir, dois sinais na LSB em que aplicamos técnicas de análise fonológica para em seguida transpor-nos para a morfologia. Em (24) verifica-se que o sinal ‘mundo’ é constituído pelos conjuntos CM, PA, M, Or e ENM.

(24) MUNDO



No sinal ‘mundo’ em (24), “mão esquerda horizontal aberta, palma para cima, dedos para frente e inclinados para a esquerda; mão direita horizontal aberta, palma para baixo, dedos para a frente e inclinados para a esquerda, acima da esquerda (24a). Girar as mãos pelos pulsos para a direita, fechando os dedos um a um, iniciando pelos dedos mínimos

(24b)'' (Capovilla e Raphael, 2008, p. 929). A essa descrição se adiciona a ENM – de alegria (paralinguística).

A partir de observações da descrição do sinal ‘mundo’, em (24), levantamos algumas questões: qual conjunto é mais relevante para a produção desse sinal? Se fôssemos repartir o item ‘mundo’ para alcançarmos as partes mais importantes que compõem este sinal, a que resultado chegaríamos?

Neste sinal, em particular, acreditamos que os grupos CM, PA, M, Or têm igual relevância e a retirada de qualquer um impediria que os demais tivessem qualquer conteúdo semântico, resultando em um nível de estrutura sem significado. Por conseguinte, a ENM poderia ser retirada por se tratar de uma expressão paralinguística.

Comparando, agora, o processo de composição do sinal ‘beijo/beijar’ em (25) observe-se que o conjunto Expressões Não Manuais (formato da boca) também aparece atrelado a outros conjuntos de composição; no entanto, nos possibilita uma outra visão desse segmento.

(25) BEIJO/BEIJAR



(25a)

(25b)

Em ‘beijo/beijar’, em (25), mãos na vertical, palmas para frente (25a), pontas dos dedos unidas (25b), levando para frente. Neste sinal, os cinco principais conjuntos de traços são verificados. Observe que no momento em que as mãos começam a assumir uma forma inicial para a produção do sinal, a boca do sinalizante também assume uma forma característica que remete à mesma ideia do sinal que será produzido – ‘beijo’.

Por um lado, os conjuntos CM, PA, M e Or seriam dispensáveis sem causar qualquer tipo de prejuízo do significado, pois a representação da forma da boca seria suficientemente capaz de transmitir um valor semântico correspondente. Por outro lado, se desconsiderarmos o conjunto ENM, os demais conjuntos transmitirão valor correspondente. Consideraríamos então as Expressões Não Manuais como um conjunto que expressa morfema na LSB?

Ao se comparar os exemplos (24) e (25) e tomando como base o conceito de morfema que se aplica às línguas orais, a suposição é que o conjunto ENM não expressa este conceito lexical na LSB, uma vez que é dispensável para a produção do sinal. No entanto, ao contrário do que é proposto por Felipe (2006), que os conjuntos na LSB podem expressar morfemas, parece-nos que análises no nível morfológico para que se identifique características internas à esta língua são um princípio inválido, pois no caso das ENMs ora são indispensáveis na produção do sinal, ora remetem a um conceito por si só (cf. seção 3.3).

De forma semelhante ao que ocorre com o conjunto ENM, algumas construções negativas contribuem para que se reflita também sobre o valor morfêmico que se atribui ao conjunto Movimento. Observe-se o sinal ‘não entender’ em (26).

(26) ENTENDER-NÃO



No sinal ‘não entender’, em (26), verifica-se um movimento direcional com a cabeça (primeiro à esquerda (26a) e em seguida à direita da sinalizante (26b)). Este sinal resulta das combinações entre a forma ‘conhecer’, que co-ocorre com o movimento da cabeça, o qual indica ideia de negação. Construções negativas em que se utilizam a forma ‘entender’ seguida da forma ‘não’ foram observadas nos dados desta pesquisa. Portanto, o movimento direcional com a cabeça não se constitui num padrão de formação de todas as construções negativas na LSB.

Contudo, o que se observa é que muitas formas do código sinalizado, no caso da LSB, são escolhidas de forma subjetiva pelos usuários desta língua. Isto é, o usuário seleciona as expressões, movimentos, ritmos etc., que melhor descrevam as experiências dele com o universo. Por conseguinte, iniciamos com a hipótese de que é no nível pragmático que a LSB organiza as informações linguísticas necessárias para que se estabeleça uma comunicação de maneira fluida entre interlocutores. Dessa forma, a produção e o entendimento das diversas formas possíveis de um sinal, que em muitos casos parecem ser imprevisíveis, só serão possíveis a partir da prática linguística daqueles que estão envolvidos no discurso.

Cumprer ressaltar que é no nível de análise da Pragmática que se observa o uso da linguagem no contexto de comunicação. Uma mesma forma de um código linguístico pode assumir significações distintas, determinadas sobretudo por fatores extralinguísticos.

3.5 Considerações

Neste capítulo foram apresentados alguns aspectos da LSB conforme a literatura produzida em torno dos seus aspectos linguísticos.

No nível da fonologia observou-se que não são em todos os casos que as unidades menores são desprovidas de sentido, como postulam alguns estudos. Em casos específicos o Movimento e as Expressões Não Manuais carregam isoladamente conteúdo semântico. Nesse sentido, acredita-se que novos estudos de línguas de sinais nessa área poderão contribuir para que se retomem e talvez repensem o conceito de fonema.

Quanto ao que se observa em relação ao nível morfológico de análise, provavelmente não há paradigmas flexionais na LSB, como é o caso do Português do Brasil. O que se verifica é que em alguns casos os conjuntos Movimento e Expressões Não Manuais podem sozinhos expressar sentidos completos, porém não possuem um padrão de regularidade, ou seja, nem todas as construções negativas, por exemplo, são constituídas de um sinal que co-ocorrem com o movimento da cabeça de um lado para outro, indicando negação.

No capítulo seguinte, apresentaremos algumas discussões que postulam a existência das categorias Nome e Verbos na Língua de Sinais Americana e que se estende à Língua de Sinais Brasileira.

CAPÍTULO IV

NOMES E VERBOS NAS LÍNGUAS DE SINAIS

4 Introdução

Poucos estudos descritivos têm-se ocupado da tarefa de definir as categorias lexicais Nome e Verbo, nas línguas de sinais, com base nos critérios formais internos à língua. Este fator nos motivou a desenvolver uma pesquisa que permitisse sistematizar os aspectos estruturais particulares da LSB que poderão contribuir para a identificação e a caracterização das categorias em questão.

Neste capítulo, apresentamos, sem muito delongar, os critérios que presumem a existência das categorias Nome e Verbo na LSB encontrados em Quadros e Karnopp (2004), especialmente, a partir de estudos da Língua Americana de Sinais apresentados por Padden (1986, 1988, 1990).

Verifica-se nestes estudos o grande esforço em diferenciar tais categorias com base em critérios exclusivamente semânticos, em que se atribui valor morfêmico ao conjunto Movimento, e seu número de repetições configura-se como critério para a pressuposição das categorias Nome e Verbo, como veremos nas seções subsequentes.

4.1 Nomes nas línguas de sinais

Em LSB, parece muito tranquila a ideia de enquadrar sinais na categoria Nome a partir do valor semântico da palavra correspondente no Português do Brasil. Isto é, o sinal ‘bola’, por exemplo, é classificado não por suas propriedades específicas, mas sim pelas características internas desta palavra em português.

Não há critérios gramaticais claros quando a tarefa é definir tal categoria. No entanto, observa-se que a partir da aplicação de critérios exclusivamente morfológicos, autores como Quadros e Karnopp (2004), por exemplo, diferenciam a categoria Nome da categoria Verbo, atribuindo valor morfêmico ao parâmetro movimento. Destacamos que a tarefa destes autores se ocupou em distinguir uma categoria de outra e não defini-las em termos de propriedades.

Para Quadros e Karnopp (2004), um tipo de processo morfológico bastante comum em LSB é aquele que deriva nomes de verbos (ou vice-versa). Segundo estas autoras, nos sinais categorizados como Nome o parâmetro movimento se repete e é mais curto em relação aos sinais pertencentes à categoria Verbo. Observe-se em (27), a seguir. Exemplos de Quadros e Karnopp (2004, p. 97).

(27)²⁶ a) TELEFONAR



b) TELEFONE



Nesse sentido, a categoria Nome é pressuposta com base no número de repetições do movimento que um sinal apresenta. Por conseguinte, o movimento é considerado um morfema. No entanto, é possível observar a existência de vários contraexemplos, em dados considerados dentro de um contexto discursivo.

Pizzio (2011) propôs um estudo em que se procurou identificar os elementos que diferenciavam as categorias Nome e Verbo em LSB. Nesta pesquisa, a autora observa especialmente a diferença entre alguns pares como 'telefone' e 'telefonar' com base nas repetições dos movimentos. O critério utilizado por Pizzio se configura num padrão exclusivamente morfológico, pois se atribui valor morfêmico ao conjunto Movimento.

Ao final da pesquisa Pizzio afirma que os resultados não apresentaram uma certa regularidade quanto à identificação de critérios que sejam relevantes na estrutura/constituição dos sinais e também na diferenciação entre Verbo e Nome. De acordo com a autora, quanto ao par 'telefone' e 'telefonar', por exemplo, não foi possível observar um padrão de produção que os diferenciava, visto que mais da metade dos participantes da pesquisa (58,62%) utilizou o mesmo sinal para ambos. Neste caso, o número de movimento não foi elemento diferenciador entre tais categorias.

²⁶ As imagens do exemplo (27), bem como as imagens dos exemplos (28), (30) e (33) foram retiradas de Quadros e Karnopp (2004) para fins ilustrativos.

Por isso, acreditamos que o critério ‘morfológico’ pode tornar-se um critério que contraria, e muito, o uso na língua no que se refere ao reconhecimento de lexemas que pertençam à categoria Nome, bem como aos que competem à categoria Verbo.

4.2 Verbo nas línguas de sinais

As primeiras discussões sobre Verbo em línguas de sinais, às quais tivemos acesso, provém de estudos sobre a Língua Americana de Sinais (ASL) (Fischer, 1973; Friedman, 1975; Supalla e Newport, 1978; Lidell, 1980; Padden, 1986, 1988, 1990). Durante este percurso histórico de pesquisas em ASL, a categoria Verbo, nessa língua, foi analisada em termos de três subcategorias: verbos simples, verbos flexionais e verbos espaciais, as quais acabaram por ser adotadas nas análises de outras línguas de sinais. Nesta seção, apresentamos os princípios básicos de cada subcategoria, pois observa-se que os critérios utilizados para classificá-las seguem uma análise no nível morfológico, por atribuir valor morfêmico ao conjunto Movimento, especialmente. Este fator nos motivou a apresentar as principais discussões de Padden (1986, 1988, 1990) e Quadros e Karnopp (2004), com algumas pontuações, dada a complexidade na tarefa de aplicar este construto nas línguas de sinais. A ordem de apresentação das classes é aleatória.

A primeira classe refere-se aos verbos simples (*plain verbs*), os quais, de acordo com Padden (1986, 1988, 1990), se definem como tal por não flexionarem para número e pessoa, nem levam afixos locativos. Esses verbos exigem argumentos explícitos por não estabelecerem concordância através do conjunto Movimento.

Em LSB, Quadros e Karnopp (2004) pressupõem a subcategoria verbos simples, os quais se denominam como tal por não possuírem marca alguma em relação aos seus argumentos. Observe-se nos sinais em (28). Exemplos de Quadros e Karnopp (2004, p. 117).

(28) a) SABER



b) GOSTAR



No sinal ‘saber’ (28a), a sinalizante toca a lateral direita da cabeça com a mão direita, movimento que se repete duas vezes. Em ‘gostar’ (28b), a sinalizante leva a mão direita aberta até o peito. Em relação ao movimento, os sinais ‘saber’ e ‘gostar’ não apresentam um movimento direcional que pudesse remeter à ideia de sujeito e objeto da construção.

O fato de os sinais não apresentarem um movimento direcional que pudesse indicar o sujeito e o objeto de uma construção constitui um critério que presume a existência de verbos simples tanto em ASL quanto em LSB. Apesar da marca de concordância, em ambas as línguas, esta refere-se à direção do movimento durante a produção do sinal e pode marcar os argumentos ou a locação (exemplos posteriores diferenciam tais casos). É, pois, a direção do movimento que as autoras denominam afixo.

Antes, porém, de procedermos com a segunda e a terceira classes de verbos, cabe aqui ressaltar que a noção de afixo vem do arcabouço de análise das línguas orais e diz respeito a morfemas que podem ser ligados ao radical (parte fixa) de uma palavra, formando assim uma nova palavra. No Português do Brasil, a palavra que resulta da junção entre um radical e um afixo denominamos palavra derivada ou flexionada e esta, por sua vez, tem um significado próprio. Nossa hipótese é que esse conceito de afixo não parece dar conta da natureza das línguas de sinais e pode ser impreciso na tarefa de investigar propriedades que definem Verbo em LSB, uma vez que a forma de um sinal, quando no discurso, presumivelmente não é descrita em termos de características morfossintáticas.

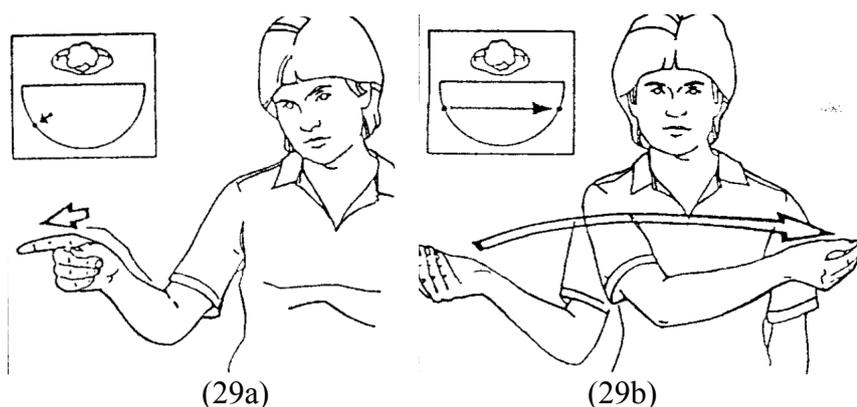
A *forma* está relacionada às diversas realizações de um lexema que variam ao longo de cada categoria gramatical (Rosa, 2000, p. 44). Em uma língua oral como o Português do Brasil, por exemplo, o verbo admite as desinências próprias de número, pessoa, tempo e modo (por exemplo, número – *am*; pessoa – *ei*; tempo – *ra*; modo – *va*). Dessa forma, cada uma dessas categorias concretiza-se como propriedades morfossintáticas que se opõem e excluem (eixo paradigmático).

A noção de *forma* contrasta com a noção de *função*, no sentido de que a primeira pode desempenhar funções bastante distintas dependendo do contexto discursivo-pragmático (aquilo que se pretende dizer).

Retomemos, então, com a segunda classe a qual agrupa os verbos flexionais (*inflecting verbs*). Estes se caracterizam por exibirem, segundo Padden (1986, 1988, 1990), afixos de concordância para pessoa e número em relação ao sujeito e ao objeto da sentença. Nos exemplos em (29) e (30), a seguir, poderemos observar com maior riqueza de detalhes o

que vem sendo considerado um afixo em LSs. Observe-se que em (29) os referentes são distribuídos no espaço pelo sinalizante, e o ponto inicial (29a) marca o sujeito, enquanto o final (29b), o objeto da sentença. Portanto, o movimento de um ponto ao outro (A – B) é considerado um morfema que marca pessoa e número do sujeito e objeto. Esses morfemas são denominados morfemas de concordância (*agreement morphemes*). Exemplo de Padden, 1986, p. 45).

(29)²⁷



IX_a aGIVE_b 1
He gave it to her²⁸

Na construção em (29), o sinalizante marca à sua direita o participante que agirá sobre o outro. Observe-se que o sinalizante aponta para um lugar específico no espaço, estabelecendo aquele ponto o local onde o referente se encontra (29a). Em seguida, a mão direita do sinalizante, com a ponta dos dedos unidos segue em direção contrária, estabelecendo o local em que se encontra o outro participante do discurso (29b) – aquele que receberá a ação do primeiro.

Em LSB, os sinais que codificam significados semelhantes aos verbos flexionais em ASL foram denominados verbos de concordância. Nestes sinais, o parâmetro movimento inicia e termina sua trajetória nos argumentos estabelecidos no espaço que podem incluir o sujeito, o objeto direto e o objeto indireto (QUADROS & KARNOPP, 2004).

Observe-se no exemplo em (30) que a mão da sinalizante movimenta de um ponto a outro. Exemplos de Quadros e Karnopp (2004, p. 117 e 118).

²⁷ As imagens do exemplo (29), bem como as imagens dos exemplos (31) e (32) foram retiradas de Padden (1986) para fins ilustrativos.

²⁸ Ele deu a ela.